



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS – FACC**

EDUARDA SOUZA FERREIRA

**OS PRINCIPAIS FATORES DA EVASÃO DE ESTUDANTES DO
ENSINO SUPERIOR PÚBLICO NO RIO DE JANEIRO**

Rio de Janeiro – RJ

2019

EDUARDA SOUZA FERREIRA

**OS PRINCIPAIS FATORES DA EVASÃO DE ESTUDANTES DO
ENSINO SUPERIOR PÚBLICO NO RIO DE JANEIRO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC/UFRJ).

Orientador: Henrique Westenberger

Rio de Janeiro – RJ

2019

EDUARDA DE SOUZA FERREIRA

**OS PRINCIPAIS FATORES DA EVASÃO DE ESTUDANTES DO
ENSINO SUPERIOR PÚBLICO NO RIO DE JANEIRO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC/UFRJ).

Orientador: Henrique Westenberger

HENRIQUE WESTENBERGER, PROFESSOR ORIENTADOR – UFRJ

RENATO BITTENCOURT, PROFESSOR LEITOR – UFRJ

Rio de Janeiro, _____

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pelo dom da vida e por sempre me conduzir por um caminho de fraternidade e compaixão.

Aos meus pais, Vanússia Silva de Souza e Eduardo Ferreira, que sempre estiveram do meu lado nos momentos mais difíceis e felizes da minha vida, me dando as orientações certas.

Às minhas avós, Ladi da Silva Almeida de Souza e Nilza Ferreira, que sempre se preocuparam com os meus estudos e rezavam para Deus iluminar meus caminhos.

Às minhas amigas da UFRJ, por toda ajuda e parceria na faculdade.

Aos professores do curso de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro que cruzaram o meu caminho e me acrescentaram muito aprendizado.

Ao meu prezado professor orientador, Henrique Westenberger, pela compreensão e ajuda.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Categorias das Causas de Evasão.....	27
Tabela 2: Perfil dos Alunos Entrevistados.....	31
Tabela 3: Perguntas do Questionário.....	32
Tabela 4: Fator Principal que Influenciou os Alunos a Evadirem a IES.....	37
Tabela 5: Fatores em Categorias Segundo Schargel e Smink.....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. Contextualização do Assunto e Formulação do Problema	9
1.2. Objetivos.....	12
1.2.1. Objetivo Geral.....	12
1.2.2. Objetivos Específicos.....	12
1.2.3. Justificativas.....	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1. Educação e Sociedade	14
2.2. A Evasão, seu Estudo e a Metodologia	17
2.3. A Evasão no Ensino Superior Brasileiro, Seus Possíveis Fatores e Suas Consequências	22
3. METODOLOGIA	29
3.1. Tipo de Pesquisa	29
3.2. Participantes da Pesquisa.....	29
3.3. Instrumento	31
3.4. Procedimentos de Coleta de Dados	33
3.5. Procedimentos de Análise dos Dados	34
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65

RESUMO

Esta pesquisa objetiva descrever quais são os principais fatores que contribuem, atualmente, para que discentes de instituições de ensino superiores públicas acabem por evadir os cursos escolhidos, ou até mesmo a instituição de ensino por completo. Existem dois tipos de evasão: a evasão do curso – transferência de curso dentro da própria IES – e a evasão da instituição de ensino superior por completo, quando o aluno decide por não estudar mais na IES. Para tal, foi realizada, inicialmente, uma revisão bibliográfica sobre os principais aspectos relacionados ao tema. A seguir, utilizou-se a abordagem qualitativa com a coordenação de entrevistas presenciais, em profundidade e com roteiros semiestruturados com 22 alunos que evadiram os seus cursos de ensino superior entre 18 e 30 anos e que tenham tido vivência suficiente para ter conhecimento, na prática, acerca da evasão das instituições de ensino superiores públicas no estado do Rio de Janeiro. O critério de saturação definiu o tamanho da amostra. Observou-se o interesse por parte dos alunos em identificar quais são as necessidades deste grupo, a fim de entender como estratégias efetivas podem ser criadas para que mazelas sociais sejam reduzidas e para viabilizar a abertura entre o diálogo entre docentes e discentes, fazendo com que seja possível ter uma maior retenção dos alunos nas instituições de ensino superior públicas.

Palavras-chaves: Evasão no Ensino Superior, Causas da Evasão no Ensino Superior, Fatores Para Evasão nas IES.

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo introdutório tem como função apresentar e contextualizar o problema de pesquisa, os objetivos e as justificativas para sua realização.

1.1 Contextualização do Assunto e Formulação do Problema

Dentro de uma sociedade atual, a educação passa a exercer sua essencialidade dentro da vida do ser humano. Logo, essa está estruturada desde o significado da construção dos valores e cultura de um povo, até o conhecimento estrutural definido por cada opção de profissão, que o leva a entrar no mercado de trabalho e se comunicar com outras pessoas, seja profissional ou pessoalmente.

Para Cravo (2012) o homem precisa reconhecer e trabalhar as suas capacidades físicas, morais, intelectuais e valores para estar contribuindo e se socializando dentro do ambiente onde vive e trabalha. É a partir destas variáveis iniciais que os humanos começam a introduzir, desde criança, a capacidade de se comportar, se comunicar e se integrar com pessoas que estão a sua volta, pessoas de outras nações, ou seja, todo o mundo.

A autora afirmar que os aprendizados conquistados a partir da educação é um movimento onde os humanos passam a se capacitar para si mesmos, se apropriando de conhecimentos e habilidades inerentes a sobrevivência destes nas sociedades atuais. Todos os sistemas educativos, desde a educação familiar, creche, ensino primário, ensino fundamental e ensino médio, são sistemática e intencionalmente preparados para o desenvolvimento dos humanos. Eles continuam a aprender para sempre, passando pelo ensino superior, técnico, mestrado, doutorado, entre outros. Toda a educação tem como finalidade desenvolver as pessoas para que elas estejam prontas para interagir com as demais, formar seu intelecto e seu futuro profissional, utilizando estas também no seu cotidiano.

Partindo deste viés, o qual prevê que todos os cidadãos, seja do Brasil ou de outros países, possuem o dever e o direito à educação, vemos que dentro da realidade brasileira existe um alto número de pessoas que evadem os sistemas de ensino, sejam eles dos mais iniciais até o ensino superior ou técnico por fatores que são externos e internos as instituições de ensino.

Para o MEC (1996), a situação da escolaridade no Brasil é precária. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2018 o Brasil possuía mais de 11,5 milhões de pessoas analfabetas, com 15 anos de idade ou mais. Isso representa, aproximadamente, 7% da população brasileira que não sabe ler nem escrever dentro desta faixa etária, que já é considerada como muito superior, visto que, em padrões normais, as crianças aprendem a ler e escrever entre seis e oito anos.

Para o IBGE (2018), esta taxa se encontra 0,2% menor do que a que foi registrada no último ano de 2016. Estes dados apontam que o Brasil não irá conseguir cumprir a meta de até o ano de 2024 ter erradicado, totalmente, o analfabetismo dentro do cenário de educação brasileiro. O MEC (1996) corrobora ao dizer que as maiores preocupações das instituições de ensino superior (IES) são garantir que os alunos entrantes em um período, consigam sair com seus diplomas, após a carga horária exigida pelo curso escolhido e que estes, além de formados possam estar preparados para ingressar no mercado de trabalho, exercendo o exercício profissional em suas áreas de escolha.

Para Silva e Filho *et al.* (2007) a evasão não afeta apenas resultados sociológicos e psicológicos, como a construção de valores e conhecimentos, mas também geram resultados insuficientes para as instituições de ensino (IES) em relação aos sistemas educacionais, levando a desperdícios de investimentos sociais, acadêmicos e, principalmente, econômicos, visto que a educação superior ou técnica, após o término do ensino médio, é a via principal para que haja a formação de indivíduos que estejam qualificados para o

mercado de trabalho, elevando, conseqüentemente, a produção e o PIB de uma nação.

Partindo destes pressupostos, a fim de analisar os fatores que contribuíram para a evasão de alunos das instituições de ensino superior, busca-se, por meio deste estudo, responder à seguinte questão: **“quais são os principais fatores que levam os estudantes a se evadir do ensino superior público no Rio de Janeiro?”**

1.2) Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Descrever quais são os principais fatores que levam os estudantes, no ensino superior público, a evadir as instituições de ensino escolhidas para se cursar.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Descrever quais são os fatores econômicos, interacionais, psicológicos, organizacionais e sociológicos que influenciam a evasão do aluno das faculdades ou cursos técnicos.

- b) Analisar se alguma instituição de ensino pública, no Rio de Janeiro, possui um programa institucional profissionalizado que poderiam reduzir estes números.

1.2.3 Justificativas

Segundo Cravo (2012) a evasão das instituições de ensino superior, sejam estas universidades ou cursos técnicos, é um tema atual que gera bastante preocupação em profissionais que trabalham na área de educação. Dentro de estudos de artigos, teses, entre outros, a autora afirma que existem muitos referenciais teóricos e artigos acadêmicos que voltam suas pesquisas para a evasão no ensino primário – ensino fundamental – e no ensino secundário – ensino médio – porém, ainda existem poucos autores que fazem pesquisas destinadas à evasão do ensino superior, que são feitos pelos indivíduos depois do cumprimento do seu ensino secundário.

Sendo assim, será desenvolvida uma discussão sobre a importância da educação dentro da sociedade, como formadora de valores, cultura, opinião, caráter. A partir desta, há a configuração do ser humano, como racional com conhecimento para atuar nas diferentes áreas de sua vida, desde as questões

que envolvem a comunicação e o pessoal, como questões relativas ao seu posicionamento dentro do mercado de trabalho.

Também será abordado, o que é a evasão, seu estudo e sua metodologia. Desta forma poderão ser estudados quais são os fatores externos e internos que estão provocando este fenômeno em grandes proporções dentro do ensino superior brasileiro.

Sabendo quais são os fatores externos e internos, como os demográficos, geográficos e psicográficos que levam a pessoa a identificar o problema, reconhecer sua necessidade, e muitas das vezes abandonar o ensino superior será possível identificar se já existe algum plano de ação dentro das principais instituições de ensino superior do Rio de Janeiro consideradas públicas e posteriormente, e caso não exista, criar novos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os critérios que foram adotados no levantamento bibliográfico foram: (a) a inclusão de artigos prioritariamente publicados em periódicos nacionais disponibilizados por intermédio do portal da CAPES e nas bibliotecas eletrônicas Scielo e Spell; (b) artigos com data de publicação a partir do ano de 1996. Os termos que foram adotados como palavras-chaves para a busca dos artigos foram, em sua maioria, termos ligados à evasão de alunos de instituições de ensino de grau superior, como: evasão no ensino superior, causas da evasão no ensino, fatores para evasão nas IES, a fim de refinar a pesquisa e encontrar artigos que fossem de maior relevância para o estudo.

2.1) Educação e Sociedade

Dentro da formação do que conhecemos como sociedade, a educação é essencial na vida do homem, pois leva este a construir valores, sua cultura e seu conhecimento. Aulete (2008) classifica que a ação, vinda do estado de educação, traz o resultado de educar-se. Para Cravo (2012), é inerente que a educação é a chave principal para que haja no ser humano a construção das suas capacidades físicas, intelectuais, morais e valores, fazendo com que este tenha competências para poder interagir com outras pessoas, integrar-se a novos grupos e se comportar diante as regras que são dispostas dentro da sociedade onde este mora ou trabalha, ou seja, onde ele convive.

A autora corrobora a afirmativa mostrando que a educação desenvolve pessoas em um espaço, para que haja uma interação social de forma que o indivíduo tenha características de tratar o próximo dentro de uma lógica de respeito e empatia entre ambos. A educação, para Cravo (2012), também possui o objetivo de preparar os indivíduos para que eles tenham apropriação dos conhecimentos aprendidos, assim como a formação para que estes consigam transmiti-los para outras pessoas.

Desta forma, são os sistemas educativos que envolvem desde escolas até universidades, que tem como finalidade de desenvolver, nos seres humanos, sistematicamente e intencionalmente finalidades e abordagens que estes utilizaram no seu cotidiano. Para Cravo (2012) todos os sistemas educacionais precisam se desdobrar em duas partes: serem órgãos, ou seja, sistemas de ensino ou instituições que garantam a formação dos profissionais, assim como um ambiente de pesquisa e de desenvolvimento de tecnologias, que possuem o objetivo de mudar a sociedade como um todo, a partir do desenvolvimento de novos estudos, pensamentos e discernimentos para a formação de ideias que culminam com a tomada de decisões.

A autora finaliza dizendo que a educação é primordial e o centro do desenvolvimento do ser humano. É através deste processo que o mesmo vem frutificar seus talentos e potencialidades criativas que dá as pessoas a responsabilidade e capacidade de se realizarem profissionalmente.

Para Gadotti (2000), a educação tem sua introdução primária desde a construção dos valores e conhecimentos pela família e no ensino infantil – creches – e no ensino primário, onde, são dados os primeiros passos que um indivíduo dá para que se desenvolva na formação de um cidadão completo. O autor faz referência ao livro de Jacques Delors (1998), “Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI”, onde o autor aponta que é consequência, dentro de uma sociedade, que as pessoas passem por processos de conhecimento por toda sua vida, desde crianças até idosos. É uma necessidade de aprendizagem que o indivíduo possui por toda sua vida.

Gadotti (2000) tem a definição de aprendizado como a capacidade que um ser humano tem de se desenvolver dentro de um determinado conhecimento. E este está apoiado em diferentes pilares que também terão de ser desenvolvidos em etapas, a partir do que foi aprendido anteriormente. Estes podem ser tomados como bússola, que acaba por orientar os indivíduos aos caminhos ou rumos que eles tomarão dentro de uma sociedade e ao futuro da educação.

Alguns destes fatores, apontados pelo autor, são: (1) Aprender a conhecer: Jacque Delors (1998) aponta, em seu livro, que é impossível tentar ter um conhecimento de todas as coisas que existem ao redor do mundo, mas que sempre que se tiver oportunidade, é importante que se haja a opção apontada para o prazer da compreensão de um determinado assunto, descobrindo cada vez mais informações. Para o autor, as pessoas precisam também ter a assertividade dentro da descoberta de um conhecimento. Estas precisam tirar proveito de alguns assuntos para construir e reconstruir informações, para que outras pessoas, futuramente, possuam mais abertura para estudar sobre esse assunto de forma mais rápida e correta. É preciso ter o conhecimento, aprender a pensar e ter o discernimento para aplicar este de forma correta e que traga mais frutos.

Outro fator, apontado por Jacque Delors (1998) é que (2) Devemos aprender a fazer: aprender a fazer é indissociável do aprender a conhecer. O autor relata que a introdução de máquinas e computadores dentro da esfera da aprendizagem fez com que houvesse a substituição de atividades que eram realizadas por humanos afetando, desta forma, o caráter cognitivo do fazer. A partir deste ponto de vista, o autor corrobora que na atualidade é mais válido que as competências pessoais são mais importantes, visto que estas tornam as pessoas mais aptas a desenvolverem diante de situações adversas dentro do seu emprego, tornando-as mais aptas para trabalhar em equipe do que puramente ser um indivíduo que possui uma grande qualificação profissional.

Para finalizar este ponto, Jacque Delors (1998) diz que a importância da formação e da educação de uma pessoa que irá entrar – ou já está – no mercado de trabalho é saber lidar com o coletivo, gostar do risco, ter iniciativa e intuição, saber lidar com conflitos, mas, principalmente saber lidar com pessoas e com sua estabilidade emocional. Essas são, acima de tudo, qualidades humanas que se manifestam nas relações interpessoais mantidas no trabalho.

Para finalizar, a exemplificação destes fatores feitos no livro citado de Jacque Delors (1998), temos o (3) Aprender a viver juntos: compreender o outro, respeitar o outro e desenvolver a percepção da interdependência, da

não violência, administrar conflitos. Descobrir o outro, participar em projetos comuns. Ter prazer no esforço comum. Participar de projetos de cooperação.

A Educação é um direito humano fundamental e é essencial para que haja um desenvolvimento sustentável, progresso, avanço, prosperidade e estabilidade dentro de cada país.

A Declaração Mundial de Educação para Todos, realizada em Dakar, suscitou amplo debate no Brasil, colaborando para aumentar a consciência do poder público e da sociedade civil para a importância da educação como direito de todas as pessoas, e como condição para o exercício de uma cidadania plena visando à construção de uma realidade social mais justa e igualitária. (UNESCO, 2001)

2.2. A Evasão, Seu Estudo e Metodologia

Segundo Cravo (2012) a evasão das instituições de ensino superior, sejam estas universidades ou cursos técnicos, é um tema atual que gera bastante preocupação em profissionais que trabalham na área de educação. Dentro de estudos de artigos, teses, entre outros, a autora traz para órbita do estudo do projeto que existem muitos referenciais teóricos e artigos acadêmicos que voltam suas pesquisas para a evasão no ensino primário – ensino fundamental – e no ensino secundário – ensino médio – porém, ainda existem poucos autores que fazem pesquisas destinadas a evasão do ensino superior, considerando estas universidades e cursos técnicos, que são feitos pelos indivíduos depois do cumprimento do seu ensino secundário.

A autora Cravo (2012) afirma que as instituições de ensino superiores (IES) possuem alguns fatores de evasão mais frequentes e que podem ser apontados. São estes: trabalho, insatisfação com a escolha do curso pretendido, doença grave ou morte, casamento e filhos e transferência de domicílios. A autora corrobora a afirmativa acima afirmando que, em seu estudo, muitos alunos relataram que precisam dividir o seu tempo entre faculdade e trabalho, logo são vencidos pelo cansaço, falta de tempo para

frequentar as aulas. Ainda há o problema da falta de recursos financeiros para que estes permaneçam na IES escolhida, logo optando pelo dinheiro – seu salário - necessário a sua sobrevivência.

Para Moraes e Theóphilo (2008) existem outras causas que, segundo o estudo realizado pelos mesmos autores, são apontadas como as maiores causas da evasão das IES. Estas são: o problema de moradia, onde os alunos de universidades públicas e cursos técnicos param de se formar na educação primária, se os alunos precisam morar em outro estado ou até mesmo em locais mais perto das IES, logo possuem problemas de falta de recursos para arcar com o preço elevado dos alugueis. Existem aqueles que ainda residem com os pais, porém longe das IES. Desta forma, possuem problemas de recursos ligados aos altos preços de passagens, número de meios de transportes que precisam pegar até chegar às IES e longevidade destas em relação ao seu logradouro. Estes fatores são considerados pelos autores, como os que levam as maiores evasões universitários e ao baixo rendimento dos alunos.

Os autores, Moraes e Theóphilo (2008), afirmam ainda que um dos vieses mais preocupantes para a evasão das instituições de ensino superior são os desafios do sistema educacional brasileiro. Para os autores, o estudante chega ao ensino superior despreparado para seu curso, mostrando que existe uma desarmonia e desequilíbrio dentro ainda das instituições de ensino secundário – às vezes até primário – apontando que o país sofre devido a pouca demanda de recursos que são oferecidos desde o ensino primário até o ensino superior público. O aluno passa por todas as etapas da sua educação com defasagens, logo, chega ao ensino superior também sem condições de acompanhar este nível de escolaridade.

A nível governamental, não há o repasse dos recursos oferecidos aos estudantes pelo estado, buscando que estes alcancem os objetivos educacionais pretendidos. Moraes e Theóphilo (2008) afirmam que, as instituições de ensino – sejam estas primárias, secundárias ou superiores - possuem um papel de serem responsáveis pelo processo de educação formal e motivar seus alunos, mostrando que possui empatia e planos de ação para

que este consiga alcançar seus objetivos educacionais. Porém, este quadro não é visto dentro das instituições de ensino brasileiras. As escolas não estão sendo motivadoras e retentoras de alunos. Podem existir professores extremamente qualificados para prosseguir com o calendário escolar, porém existe a falta de recursos, de didática, de apoio aos alunos e ementas totalmente desatualizadas para que os alunos possam entrar nas IES e, futuramente, entrarem no mercado de trabalho.

Moraes e Theóphilo (2008) corroboram afirmando que as ementas antigas são utilizadas pelas faculdades e cursos técnicos, não trazendo para a atualidade o que o aluno precisa para entrar, de forma qualificada, no mercado de trabalho. Assim, como os professores são impedidos de levarem conteúdos mais assertivos e novos para seus alunos. Desta forma, estes concluem que, a educação brasileira, se torna assim, uma aprendizagem deficitária.

Biazus (2005) aponta também a existência de fatores que levam à evasão que são inerentes as instituições de ensino superiores. Por mais que sejam levados em consideração que existem sim fatores externos, os fatores internos as IES possuem um grande peso da decisão dos alunos em continuarem no curso escolhido dentro da sua IES – ou acabarem trocando de curso, mas dentro da mesma IES – ou evadindo, totalmente a IES escolhida.

As causas internas, que são apontadas pelo ator, fazem referencia principalmente a administração que é realizada dentro destas instituições de ensino superior, sendo estas universidades ou cursos técnicos. Existem problemas ligados aos recursos humanos e como esta IES lida com aspectos didático-pedagógicos. Outra questão que é abordada pelo autor é a infraestrutura que é oferecida para os alunos. Dentro das universidades e cursos técnicos existe a falta de recursos aos alunos como bibliotecas, salas de estudo, computadores, internet, acompanhamento de monitores, estrutura física das IES, como falta de locais de alimentação, banheiros sem higienização, entre outros fatores. Por meio deste cenário é possível perceber que ter os melhores docentes, com currículos dos mais qualificados e exemplares, não é sinônimo de manter o aluno dentro da instituição.

É necessário, segundo o autor, ainda é necessário que os docentes levem para os discentes um sistema educacional com didáticas melhores, metodologias diferenciadas, avaliação de competências, estudos de caso e aplicação do ensinado em questões abordadas dentro do mercado, como a ilustração e apresentação de *cases* e projetos.

Biazus (2005) reforça esta questão quando afirma que um discente deve ser avaliado de acordo com os seus conhecimentos, e muitas destas avaliações, que ocorrem nas universidades e cursos técnicos não confirmam que o mesmo teve uma aprendizagem consistente. Quando um aluno é confrontado a realizar uma avaliação que comprove as suas habilidades e atitudes, que foram desenvolvidas através do processo de atividades promovidas nas IES, este se vê mais preparado para que possam implementar e utilizar no seu meio de trabalho. Para o autor, se estas questões fossem verificadas e conduzidas de forma mais coerente possível dentro dos sistemas de ensino brasileiro, haveria uma contribuição para que a taxa de abandono das instituições de ensino superiores se reduzisse, pois haveria uma ruptura com o sistema tradicional de educação, que leva ao aluno a uma preparação para a conclusão de uma ementa a partir da mera memorização de um conteúdo, sem práticas e sem conhecimento a nível de materialização de uma situação hipotética.

Para Filho e Montejunas (2007), a evasão é medida, dentro de uma instituição de ensino superior, em um curso, em uma área de conhecimento, em um período de oferta de cursos e em qualquer universo. Porém, para isso é preciso termos em mãos informações que sejam pertinentes ao objeto que se está em estudo. Para os autores, o estudo é interno e realizado pelas IES de acordo com dados que esta oferece para os estudos. Estes precisam ser ao máximo detalhados, visto que, é necessário ser criado um mecanismo que acompanhe, ou seja, seja capaz de acompanhar o porquê que esta evasão ocorreu.

Desta forma, é necessário que sejam categorizados e registrados caso a caso, visto que por mais diversos que estes sejam eles devem ser divididos em subgrupos. Alguns destes podem se classificar em: trancamento de matrícula, cancelamento de matrícula, transferência para outro curso da mesma IES ou desistência do curso e da IES. Após esta categorização, é necessário que os resultados sejam organizados em gráficos ou tabelas, para que a evolução da evasão seja de fato acompanhada, desde que seu foco, até o seu desfecho. Logo, usando destes dados para combatê-la com fundamento em seus resultados.

Filho e Montejunas (2007), afirmando que dentro de uma IES dentro de uma instituição, a evasão pode ser medida por uma organização de simples informações que estão disponibilizadas pela mesma, dentro dos setores de registro e controle acadêmico. Com os dados que foram disponibilizados pelo INEP em suas Sinopses do Ensino Superior, foram organizados tabelas e gráficos em que se mostra a evolução da evasão no Brasil de acordo com os seguintes agrupamentos: (1) no conjunto de todas as IES; (2) por forma de organização acadêmica; (3) por categoria administrativa; (4) por região geográfica e (5) por área do conhecimento e por cursos.

Como os dados do INEP são obrigatoriamente agregados, não é possível acompanhar a evasão por uma corte representada pelo acompanhamento individual dos alunos. Assim, desta forma, os autores utilizam, como cálculo básico deste estudo, uma comparação entre o número de alunos que estavam matriculados em um curso em um determinado ano, subtraídos dos concluintes, com a quantidade de alunos matriculados no ano seguinte, subtraindo-se deste último total os ingressantes desse ano.

Assim, mede-se a perda de alunos de um ano para outro: a evasão anual. O cálculo do percentual da evasão referente ao ano n é dado por:

$$E(n) = 1 - [M(n) - I(n)] / [M(n-1) - C(n-1)]$$

Onde E é evasão, M é número de matriculados, C é o número de concluintes, I é o número de ingressantes, n é o ano em estudo e (n-1) é o ano anterior. Esta forma de cálculo é considerada por Filho e Montejunas (2007) como a mais exata do que a utilizada em alguns trabalhos internacionais, mas não será utilizada na futura publicação.

2.3. A Evasão do Ensino Superior Brasileiro, Seus Possíveis Fatores e Suas Consequências

Para o MEC (1996), as maiores preocupações das instituições de ensino superior são entregar uma garantia que os alunos que ingressarem nas IES irão sair com sua formação completa e pronta para ingressar em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo. Ao sair das universidades e dos cursos técnicos, estes precisam estar preparados, total e integralmente, para ingressar no mercado de trabalho, exercendo o exercício profissional em suas áreas de escolha.

Para Silva e Filho *et al.* (2007) a evasão no segundo grau é um problema que atinge desde o Brasil até mesmo a nível internacional. Todos os países que possuem essa sistemática possuem sistemas educacionais afetados – não só as IES, mas os discentes estão vindo despreparados desde o ensino primário ou secundário – logo, afetando o aprendizado destes quando chegam a nível superior. Estas questões levam a desperdícios sociais, acadêmicos e econômicos, visto que não serão formadas pessoas qualificadas para ocupar o mercado de trabalho. O Brasil precisa de mão-de-obra qualificada em seus mercados para que existam serviços de qualidade, fazendo com que o PIB do país possa crescer nas próximas décadas. Caso não ocorra, eventualmente, haverá o aumento da porcentagem de trabalho informal, que não ajuda na retomada da economia – PIB continua decrescendo – e na aposentadoria dos trabalhadores, visto que não há contribuição para o INSS – ainda com bases fundamentadas antes da Reforma Trabalhista, que está sendo acertada ainda este ano.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) – com dados de 2018 – temos aproximadamente 61% das pessoas que compõe a força de trabalho mundial trabalhando informalmente, ou seja, se colocado em número, dentro do cenário mundial, temos cerca de dois bilhões de pessoas que trabalham no mercado informal. Este levantamento, realizado pela OIT (2018), mostra números sobre a forma de contrato de trabalho que as pessoas possuem – ou não – e como elas se encontram posicionadas dentro do mercado de trabalho. O levantamento mostra que mais da metade, ou seja, 52% são assalariadas, enquanto 34% dos indivíduos trabalham informalmente, ou seja, por conta própria. Outros 11% são classificados como indivíduos que ajudam em trabalhos familiares e apenas 3% estão na categoria de empregadores.

Dentro desta perspectiva, é importante notar que, segundo dados do IBGE (2018), o trabalho de forma informal não é garantia de se escapar do quadro de pobreza enfrentado devido a crise econômica brasileira. Os dados do instituto em 2018 apontam que a soma de pessoas que trabalham por conta própria ou dentro do mercado informal seguiu acima da quantidade de empregados com carteira assinada. Segundo o IBGE (2018), no final de 2018, quando foi realizada a seguinte pesquisa, o Brasil tinha cerca de 33 milhões de pessoas que estavam trabalhando com sua carteira assinada – dados que não consideram os empregados domésticos. Em contrapartida, no trabalho informal, segundo o IBGE (2018) 11,5 milhões de pessoas estavam atuando sem carteira e outras 23,8 milhões por conta própria.

A pesquisa realizada pela OIT (2018) aponta que, a nível mundial, pessoas que fazem parte do exercito de trabalhadores estão se reduzindo cada vez mais dentro destas duas ultimas décadas. Hoje, o número de pessoas que possuem idades compatíveis para trabalhar é, em número, 5,7 bilhões em todo o mundo. Dentre elas, 3,3 bilhões estão empregadas e 172 milhões estão desempregadas. Outras, aproximadamente, 2 bilhões de pessoas não estão dentro da força de trabalho.

A OIT (2018) ainda complementa este estudo com a variável divisão por idade, ou seja, esse fenômeno de redução na participação da força total de trabalho é extremamente alto entre a faixa etária de 15 até 24 anos, o que aponta que o índice de frequência escolar teve um aumento significativo. Ainda segundo o estudo, entre os anos de 2013 até 2018, a participação de indivíduos que se encontram dentro desta faixa etária, dentro da força de trabalho, diminuiu cerca de 0,5% na média total considerada.

A Organização Internacional do Trabalho indica ainda que houve outras variáveis importantes que devem ser apontadas, como o crescente de oportunidades de aposentadoria e do aumento de expectativa de vida, explicando desta forma uma redução da proporção de pessoas na força de trabalho. Uma força de trabalho que se encontra cada vez mais envelhecida será um quesito desafiador para a capacidade de pessoas que, atualmente, trabalham e que precisam fazer com que haja um acompanhamento do ritmo de inovações que precisam acontecer no mercado de trabalho.

A OIT (2018) também ainda complementa este estudo com o variável demográfico gênero. Este relatório, obviamente, apresenta também diferenças entre os dois gêneros. O levantamento de dados que foi utilizado pela pesquisa mostra que, mundialmente, 75% dos homens participam da força de trabalho, enquanto as mulheres tem este número reduzido para 48%. Este número mostra, dentro de uma proporcionalidade, que até o ano passado para cada 5 pessoas que trabalhavam, 3 eram homens. A Organização Internacional do Trabalho ainda relata, em seu estudo e análise de dados realizados no ano passado que as mulheres são consideradas mais vulneráveis ao desemprego do que os homens, visto que elas são vistas como minoria nas ocupações informais. Segundo os dados, enquanto elas seguem com 58% atuantes sem formalização, 63% dos homens estão atuando na mesma proporção.

Segundo Schargel e Smink (2002) a evasão estudantil do ensino geram perdas no setor público e no setor privado. No setor público, temos as perdas em relação à aderência e aquisição do conhecimento por parte dos estudantes. Estas perdas - de estudantes que iniciam e não terminam os estudos – são perdas de recursos públicos que foram investidos sem o devido retorno. No setor privado, é uma importante perda de receitas, assim como a oportunidade

que as empresas têm que contratar profissionais cada vez mais qualificados, eliminando ou reduzindo a rotatividade e o retrabalho de novas contratações. Em tais os casos, a evasão acaba-se por se tornar uma fonte de ociosidade de professores, funcionários, equipamentos e espaço físico.

Schargel e Smink (2002) afirmam que, de modo geral, todas as instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas, dão como exemplos que as principais razões para a evasão do aluno são a falta de recursos financeiros para estes terminem seus estudos, assim como estas apontam que, em alguns casos, não há a identificação do aluno com o curso pretendido. As instituições também afirmam que, quando perguntado aos estudantes, está é a principal razão da evasão. Porém, elas nunca fazem menção aos problemas estruturais e a nível docente que as IES podem apresentar. Todas as motivações apresentadas pelas universidades e cursos técnicos sempre partem do ponto de vista que apenas fatores externos são considerados nesta escolha, ou que estes pesem mais em uma decisão de evasão de uma IES.

No entanto, quando se é verificado por estudos existentes se esta resposta é apenas uma simplificação dos problemas, é possível ver que questões de ordem acadêmica ou de expectativas do aluno em relação à sua formação e a própria integração do estudante com a instituição, constituem, na maioria das vezes, os principais motivos que levam o aluno a evadir daquelas IES, visto que estes estão desestimulados a priorizar o investimento de tempo e o financeiro, se for uma instituição de ensino privada, para a conclusão do curso, ou seja, o estudante acaba percebendo que, para ele, o custo benefício para se obter um diploma superior na carreira escolhida não vale mais a pena.

Para Silva e Filho *et al.* (2007), o conceito de evasão situa-se como a saída do estudante de uma universidade ou curso técnico de maneira efetiva, ou seja, definitiva ou temporária por alguns motivos, que podem ser justificados por: financeiros, econômicos ou sociais. Silva e Filho *et al.* (2007) concluem que a evasão do ensino superior ainda é uma problemática que precisa ser estudada melhor, para que haja a identificação de fatores, tipos e causas da mesma.

Segundo Silva e Filho *et al.* (2007), a evasão de curso se descreve quando o estudante acaba por desistir de cursar o segundo grau por diversos motivos, como abandono, desistência, transferência ou exclusão por norma institucional. Já, para o MEC (1996) a evasão da instituição consiste no desligamento do estudante da instituição de ensino superior o qual o aluno está matriculado.

Ele salienta que esta decisão pode ocorrer por características individuais do estudante referente às habilidades de estudo, personalidade, formação escolar anterior, escolhe precoce da profissão, dificuldades pessoais de adaptação à vida universitária, desencanto com o curso escolhido, dificuldades recorrentes de reprovações ou baixa frequência e desinformação a respeito da natureza dos cursos.

Para o MEC (1996) existem também fatores internos e externos as instituições referentes à evasão. Dentro de fatores internos a instituição indica que a evasão pode se caracterizar por questões acadêmicas, como: a falta de clareza sobre o projeto pedagógico do curso, baixa didático-pedagógica, cultura institucional, desvalorização da docência e estrutura de apoio ao ensino. Em conclusão, o MEC (1996) também afirma sobre fatores externos as instituições, que o aluno pode evadir o curso por problemas como: mercado de trabalho, conjuntura econômica, desvalorização da profissão, dificuldade de atualizar-se perante as evoluções tecnológicas, econômicas e sociais ou por políticas governamentais.

Para Schargel e Smink (2002), existem algumas ponderações que podem ser feitas acerca da evasão do segundo grau por estudantes. Os autores dizem que este fenômeno pode ser dividido em categorias de causas: econômicas, interacionais, psicológicas, organizacionais e sociológicas. Na Tabela 1 abaixo estão apresentadas, as cinco categorias que as qualificam e exemplificam:

Tabela 1: Categorias de Causas da Evasão

Categorias	Qualificação das Causas	Exemplos
Psicológicas	Comportamento do indivíduo	Reprovações sucessivas, falta de referencial familiar, doenças psicológicas, imaturidade e rebeldia.
Sociológicas	Influências do meio social	Falta de orientação vocacional, deficiência da educação básica, imposição familiar, casamentos e filhos.
Organizacionais	Influências da instituição sobre indivíduo	Desconhecimento da metodologia do curso, concorrência com outras IES e estrutura do corpo docente.
Interacionais	Interação com colegiado e estudantes	Ausência de laços afetivos com a IES, mudança de endereço, exclusão social ou bullying.
Econômicas	Relação econômico-financeira	Busca da herança profissional, falta de perspectiva profissional, horário de trabalho incompatível, desemprego e problemas financeiros.

Fonte: Adaptado de Schargel e Smink (2002)

Silva e Filho *et al.* (2007) indica de forma geral que as principais causas da evasão estão relacionadas com questões econômicas e financeiras. Já Schargel e Smink (2002), em seu estudo, afirmam que as principais causas da evasão partem de um conjunto de categorias influenciadoras, como questões psicológicas, sociológicas, organizacionais, interacionais e econômicas, culminando, para o desligamento efetivo do aluno do segundo grau.

Em seu estudo, Silva e Filho *et al.* (2007), completam afirmando que no Brasil, dificilmente, nas IES existem algum tipo de programa institucional que seja utilizado para combater a evasão do aluno, com o planejamento de ações que tragam resultados efetivos para os principais problemas apresentados pelos estudantes.

Os autores afirmam que a utilização de um programa institucional profissionalizado poderia reduzir estes números, visto que a universidade entenderia o porquê os alunos evadirem, criariam ações e acompanhamento de resultados e a coleta de experiências bem sucedidas destes, que

estimularia outros, que pensam na evasão como solução, na permanência no ensino superior.

Silva e Filho *et al.* (2007) ainda concluem dizendo que a evasão deve ser entendida por dois aspectos similares, mas não idênticos: (1) A evasão anual média acaba por medir qual é a porcentagem de alunos que estão matriculados em uma IES, ou em um curso que, não tendo atingido a formatura, também não se matriculou no ano seguinte ou no próximo semestre e (2) A evasão total mede o número de alunos que, tendo entrado em um curso em uma IES, não se formou (obteve o diploma) ao final do tempo (em anos) de duração deste curso.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo, será apresentada a metodologia utilizada para realizar a pesquisa empírica.

3.1) Tipo de Pesquisa

Com base no objetivo da pesquisa – que buscam descrever quais são os principais fatores que levam os estudantes, no ensino superior público, a evadir as instituições de ensino escolhidas para se cursar – e de acordo com o critério de classificação de pesquisa apresentado por Gil (2008) a pesquisa pode ser classificada como descritiva, visto que, esta tem como objetivo descrever as características de determinadas populações ou fenômenos. No caso do objeto de pesquisa, descrever quais são os fatores econômicos, interacionais, psicológicas, organizacionais e sociológicas que influenciam a evasão do aluno das faculdades ou cursos técnicos.

Posteriormente, o objeto do estudo será realizado através de uma pesquisa qualitativa, onde o pesquisador tem um contato estritamente mais pessoal como o participante da pesquisa, a fim de estarem atentos a todos os detalhes demográficos sobre a pessoa, os fatores econômicos, interacionais, psicológicas, organizacionais e sociológicas que influenciam a evasão do aluno das faculdades ou cursos técnicos, se envolvendo de fato com as experiências dos entrevistados. (CRESWELL, 2007).

No que diz respeito à abordagem qualitativa, foram utilizadas duas técnicas distintas: entrevista presencial e por Skype e questionado semiestruturado.

3.2) Participantes da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são as pessoas que são entrevistadas e fornecem os dados que o pesquisador necessita para realizar o seu trabalho. Segundo Vergara (2005) o universo e a amostra podem ser confundidos quando estes

são relacionados com um grupo de pessoas. O conjunto de sujeitos desta pesquisa foi definido pelo critério de acessibilidade. A autora diz que, longe de qualquer procedimento estatístico, este critério seleciona elementos pela facilidade de acesso a eles. Logo, a forma inicial de acesso aos sujeitos para realização desta pesquisa foi baseada na proximidade de pessoas que evadiram o ensino superior que estavam perto da rede de relacionamento do pesquisador.

Foram entrevistadas pessoas entre 18 e 30 anos que tenham tido vivência suficiente para ter conhecimento, na prática, acerca da evasão de instituições de ensino públicas de ensino superior.

A seleção construída no estudo é classificada como amostra não probabilística por tipicidade, ou seja, através da seleção de elementos que foram considerados representativos da população-alvo, visto que esta possui um amplo conhecimento sobre o objeto de estudo tratado. (VERGARA, 2005).

Foram entrevistadas 22 pessoas que evadiram o ensino superior, ou seja, instituições de ensino públicas consideradas como universidades ou cursos técnicos: ambas as portas que levam este público para o mercado de trabalho.

O tamanho da amostra foi determinado a partir do critério de exaustão, que segundo Zanelli (2002), a partir do momento que relatos diferentes passam a não surgir, e o pesquisador já articula com o entrevistado com certo desembaraço, as respostas buscadas já possuem relativa evidência, configurando o critério de exaustão. Na Tabela 2 será apresentada as informações demográficas dos entrevistados – idade e gênero – assim como quais foram os cursos e as IES que foram evadidas pelos entrevistados.

Tabela 2: Perfil dos Alunos Entrevistados

Entrevistado	Gênero	Idade	Curso	Instituição
Entrevistado 1	Masculino	18	Administração	UFRJ
Entrevistado 2	Feminino	22	Direito	UNIRIO
Entrevistado 3	Feminino	24	Direito	UERJ
Entrevistado 4	Masculino	21	Ciências Sociais	UERJ
Entrevistado 5	Masculino	30	Nutrição	UNIRIO
Entrevistado 6	Feminino	19	Medicina	UNIRIO
Entrevistado 7	Feminino	25	Administração	UFRJ
Entrevistado 8	Masculino	23	Administração	UFRJ
Entrevistado 9	Feminino	22	Comunicação	UFRJ
Entrevistado 10	Masculino	21	Engenharia	UFF
Entrevistado 11	Feminino	26	Microbiologia	UFRJ
Entrevistado 12	Masculino	19	Engenharia	UFF
Entrevistado 13	Feminino	29	Comunicação	UFF
Entrevistado 14	Feminino	20	Medicina	UFF
Entrevistado 15	Feminino	20	Engenharia	UNIRIO
Entrevistado 16	Masculino	19	Nutrição	UNIRIO
Entrevistado 17	Masculino	22	Biologia	UFRJ
Entrevistado 18	Masculino	25	Contabilidade	UFRJ
Entrevistado 19	Feminino	18	Biblioteconomia	UFRJ
Entrevistado 20	Feminino	18	Comunicação	UFF
Entrevistado 21	Masculino	22	Direito	UFRJ
Entrevistado 22	Feminino	21	Administração	UFRJ

Fonte: Elaborado pelo Autor.

3.3) Instrumento

Em relação aos questionários, estas foram conduzidas através de um roteiro semiestruturado. Segundo Manzini (2003), com o roteiro semiestruturado é possível realizar um planejamento da coleta de informações por meio de um roteiro de perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. Este roteiro ajuda, além de coletar as informações básicas sobre o objeto de pesquisa, o pesquisador a se organizar para o processo de interação com o informante.

O roteiro do questionário continha um texto introdutório em que era apresentado o objetivo do estudo, o sigilo em relação aos participantes, visto que não foi pedida sua identificação em qualquer momento da pesquisa e agradecimento em relação a sua participação.

As perguntas buscavam identificar quais são os fatores econômicos, interacionais, psicológicas, organizacionais e sociológicas que influenciam a evasão do aluno das faculdades ou cursos técnicos. A Tabela 3 mostra quais foram as perguntas direcionadas aos alunos que evadiram o curso superior nas instituições de ensino públicas.

Tabela 3: Perguntas do Questionário

Número	Pergunta	Objetivo
1	Qual é a sua idade?	Saber a idade do entrevistado.
2	Qual gênero você se identifica?	Saber qual o gênero que ele se identifica.
3	Você já evadiu alguma IES definitivamente ou evadiu algum curso dentro da própria IES – troca de curso?	Entender qual foi o tipo de evasão que aconteceu: se foi uma evasão definitiva ou se foi uma evasão de curso.
4	Qual foi o principal fator que te levou a esta evasão?	Saber quais foram os principais fatores que levaram o aluno a evasão referida.
5	A instituição de ensino superior que você estudou tinha algum plano de ação para pessoas que tinham dificuldades de se manter no ensino superior?	Identificar se na IES havia algum plano de ação em auxiliar o aluno em suas dificuldades para que este não evadisse a IES ou o curso que foi escolhido.
6	Qual é o curso que você evadiu e a instituição de ensino superior?	Identificar qual foi o curso e IES que foram evadidos.
7	Se a instituição de ensino tivesse um plano de ação para o seu problema de evasão, você teria evadido a universidade ou curso técnico mesmo assim?	Entender se o aluno continuaria na IES escolhida ou no curso escolhido (primeiramente) se as IES oferecessem um plano de ação para as dificuldades que estes alunos estavam tendo.

Fonte: Elaborado pelo Autor.

O questionário também apresentava um texto introdutório a fim de descrever o objeto do estudo, definir o tema, a importância da resposta e definir que estas eram essenciais para a pesquisa do objeto em questão.

Ao decorrer das entrevistas, buscou-se entender, as seguintes temáticas: (a) quais são os fatores que levam os alunos do ensino superior público a evadirem as instituições de ensino – sendo estas universidades ou cursos técnicos; (b) descrever quais são estes fatores e os categorizar como: econômicos, interacionais, psicológicas, organizacionais ou sociológicas e (c) saber se IES públicas existem planos de ações para que os problemas dos alunos sejam entendidos, categorizados e resolvidos, reduzindo assim a taxa de evasão destes no ensino superior;

3.4) Procedimentos de Coleta de Dados

Em relação ao roteiro do questionário, este, foi aplicado primeiramente a quatro alunos do curso de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro, logo, o mesmo foi construído a posteriori às entrevistas para pessoas que já evadiram os cursos superiores dentro das instituições de ensino que elas escolheram. Os quatro alunos representantes do curso de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro foram entrevistados pessoalmente entre os dias 18 e 20 de abril de 2019. Esta via foi escolhida para testar se o questionário seria entendido em totalidade pelos entrevistados e se as respostas às questões estariam alinhadas com o objeto de estudo.

Os alunos que já passaram pelo processo de evasão da IES ou mudança de curso foram entrevistados individualmente por um período de, aproximadamente, 30 minutos cada no mês de maio 2019. As entrevistas foram realizadas presencialmente, para alunos do campus da Praia Vermelha – UFRJ e por Skype para alunos que não pertenciam a cursos deste campus.

Ao início da entrevista era perguntado aos empreendedores se era possível gravar a mesma em áudio, com o intuito de facilitar o posterior processo de análise de dados e contribuir para uma conversa mais fluída e abrangente. O sigilo e discrição em relação às gravações foram mantidos e informados.

3.5) Procedimento de Análise dos Dados

Para que o conteúdo dos questionários fosse analisado, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Segundo Mozzato e Grzybovski (2011) a análise de conteúdo é um procedimento que trabalha no refino da interpretação de dados brutos, transformando-os em informações valiosas para a interpretação do conteúdo que será utilizado em uma pesquisa.

Para Santos (2012) a função primordial da técnica de análise de conteúdo é o desvendar crítico, apresentando uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação.

Seguindo nesta linha, a análise dos dados obtidos foi dividida em dois cenários: (a) cada entrevista foi analisada em separado e o discurso dos entrevistados foi confrontado com a literatura; (b) todas as entrevistas foram analisadas em conjunto, para que semelhanças e diferenças entre as respostas fossem apuradas.

4. Resultados e Discussão

Neste capítulo, todos os resultados obtidos através da análise dos questionários com os alunos que já evadiram, uma ou mais vezes, a sua instituição de ensino superior pública, serão apurados, apresentados e discutidos a partir dos seus respectivos significados e falas ilustrativas. Os resultados evidenciam quais são as percepções individuais dos entrevistados sobre quais são os fatores que os levaram a esta decisão, qual categoria que esse fator se encontra e se as instituições de ensino pública possuem um plano de ação para que esta problemática seja reduzida ou controlada.

Inicialmente é necessário definir qual é o conceito que evasão é adotado pela literatura. Mercuri e Polypore (2004), caracteriza que a evasão é o processo onde o aluno, que escolhe uma instituição de ensino superior, acaba saindo da mesma. A evasão não significa apenas sair da instituição e não continuar com sua vida acadêmica, mas sair da instituição de ensino superior escolhida para trocar de um curso para outro curso, saída da instituição de ensino superior para outra e a saída total do ensino superior e interrupção de sua vida acadêmica de ensino superior.

Segundo Silva (2012), a evasão ocorre principalmente por influências que as comunidades sociais e intelectuais exercem sobre os estudantes e a vontade deles em permanecer no ensino superior. O autor afirma que, a influência vem de quatro conjuntos de fatores sobre a decisão de evadir, como: (a) atributos prévios a entrada da faculdade, como a interação familiar e a habilidade e escolaridade que foram adquiridas dentro do ensino de segundo grau; (b) atributos que comprometem os objetivos do aluno devido à falta de comprometimento com a instituição e dos alunos; (c) conjunto de relações acadêmico-sociais, como a performance acadêmica, relação com os funcionários e professores da instituição e toda docência e (d) integração dos alunos com outros alunos, ou seja, a integração social do mesmo.

Segundo o autor, são modelos como estes que reforçam que há uma importância da adaptação dos discentes e de uma melhor comunidade formada pelo ensino superior dentro das instituições de ensino. Estes conjuntos, quando colocados em interseção, mostram a decisão de cada aluno em ficar ou não dentro da instituição de ensino superior escolhida. O tema do estudo foi previamente apresentado aos entrevistados e as discussões foram iniciadas com o objetivo de conhecer melhor os fatores que levam os alunos a evadirem as instituições de ensino superior e cursos técnicos à nível superior.

Ao comparar os dados obtidos através das entrevistas, podemos organizar o objeto de pesquisa em três categorias em relação ao estudo realizado: (a) descrever são os fatores que levam os alunos do ensino superior público a evadirem as instituições de ensino – sendo estas universidades ou cursos técnicos; (b) saber se nas instituições de ensino superiores públicas existem planos de ações para que os problemas dos alunos sejam entendidos, categorizados e resolvidos, reduzindo assim a taxa de evasão destes no ensino superior; e (c) identificar em qual categoria estes fatores se encontram: econômicos, interacionais, psicológicos, organizacionais e sociológicos.

A partir das entrevistas realizadas, veremos a primeira categoria, ou seja, o relato sobre os fatores que motivaram aos discentes a evadirem suas instituições de ensino superior. Inicialmente, irá ser descrito quais foram os fatores que foram citados pelos entrevistados quando questionados sobre qual foi o principal motivo para que eles tomassem a decisão de evadir a IES escolhida, sendo uma evasão de curso ou uma evasão total. Em alguns casos, os entrevistados apontaram mais de um fator, mas em nível de pesquisa para a elaboração deste resultado só contaremos com o fator primordial, ou seja, o que teve maior peso na decisão do aluno ao realizar a evasão. Podemos ver as respostas na Tabela 4.

Tabela 4: Fator Principal que Influenciou os Alunos a Evadirem suas IES

Entrevistado	Gênero	Fator Apresentado
Entrevistado 1	Masculino	Mudança de Logradouro
Entrevistado 2	Feminino	IES sem Estrutura Física e de Docentes
Entrevistado 3	Feminino	Problemas Financeiros
Entrevistado 4	Masculino	Não Conseguia Conciliar Faculdade e Trabalho
Entrevistado 5	Masculino	Ementas Desatualizadas – Sem Perspectiva de Trabalho
Entrevistado 6	Feminino	IES sem Estrutura Física e de Docentes
Entrevistado 7	Feminino	IES sem Estrutura Física e de Docentes
Entrevistado 8	Masculino	Ementas Desatualizadas – Sem Perspectiva de Trabalho
Entrevistado 9	Feminino	Ementas Desatualizadas – Sem Perspectiva de Trabalho
Entrevistado 10	Masculino	IES sem Estrutura Física e de Docentes
Entrevistado 11	Feminino	Não Conseguia Conciliar Faculdade e Trabalho
Entrevistado 12	Masculino	Imposição Familiar
Entrevistado 13	Feminino	IES sem Estrutura Física e de Docentes
Entrevistado 14	Feminino	IES sem Estrutura Física e de Docentes
Entrevistado 15	Feminino	Não Conseguia Conciliar Faculdade e Trabalho
Entrevistado 16	Masculino	Problemas Financeiros
Entrevistado 17	Masculino	Problemas de Saúde
Entrevistado 18	Masculino	Ementas Desatualizadas – Sem Perspectiva de Trabalho
Entrevistado 19	Feminino	IES sem Estrutura Física e de Docentes
Entrevistado 20	Feminino	Ementas Desatualizadas – Sem Perspectiva de Trabalho
Entrevistado 21	Masculino	Ementas Desatualizadas – Sem Perspectiva de Trabalho
Entrevistado 22	Feminino	IES sem Estrutura Física e de Docentes

Fonte: Elaborado pelo Autor

Dentro deste quadro, as respostas serão transcritas, abaixo. As falas dos alunos que comprovam estas respostas, como forma de corroborar que esta foi à motivação destes para que evadissem as instituições de ensino superior às quais frequentavam.

*“Eu sou natural de Atibaia, interior de SP, e vim para o Rio de Janeiro, pois não passei em nenhuma instituição de ensino superior no Estado de SP, no primeiro semestre. Como não sabia do resultado do segundo semestre vim para a UFRJ para estudar Administração. **No final do meu primeiro período eu descobri que havia sido reclassificado para UFSCAR, que era no meu estado. Logo, como eu sempre preferi residir em SP pela comodidade e pela maior possibilidade de empregos eu acabei voltando para lá. A***

questão de estar longe da família e dos amigos também foi um grande fator para que eu regressasse.” – Entrevistado 1

“Minha primeira opção sempre foi fazer o curso de direito na UERJ, onde, no Estado do Rio de Janeiro possui a melhor instituição de ensino para este curso superior. Como eu só passei para a UNIRIO eu comecei a cursar direito nesta faculdade. **Quando eu estava no terceiro período eu comecei a cada vez mais a não me identificar com a ementa deste curso dentro desta faculdade. Havia poucos profissionais qualificados, ou melhor, com uma ótima didática para explicar as disciplinas, fazendo com que eu me desmotivasse. A estrutura da faculdade era muitíssimo precária.** No ano seguinte fiz a prova para a UERJ e para algumas faculdades privadas, como a FGV e a IBMEC. Como não passei para a UERJ mais uma vez, ingressei na IBMEC no início do ano de 2014. As condições da estrutura que a Faculdade dava para o aluno como o corpo docente me fizeram tomar essa decisão.” – Entrevistado 2

“**Problemas financeiros foi o principal fator que me levou a evadir o ensino superior. Eu moro em Duque de Caxias e não tinha dinheiro de passagem para ir para o centro do Rio de Janeiro. Fora o dinheiro da passagem eu tinha que gastar todos os dias mais dinheiro com alimentação, Xerox, entre outras despesas. Havia livros que eu tinha que comprar e eu não tínhamos condições.** A opção foi fazer uma comparação de custos que eu teria de estudar em uma faculdade pública no centro do Rio de Janeiro ou estudar em uma particular em Duque de Caxias. Gostaria de continuar na UERJ, era meu sonho. Porém, tive que optar por mudar para Estácio – Campus Duque de Caxias – que ficava praticamente a 10 minutos da minha casa.” – Entrevistado 3

“Meu sonho sempre foi fazer sociologia, conhecida ciências sociais. Eu consegui passar na UERJ no ano de 2016. Já trabalhava desde jovem – comecei a trabalhar com 16 anos em loja e continuei para que eu pudesse conseguir acompanhar a faculdade, visto que eu moro em Madureira e não tenho uma condição financeira excelente. Sempre tive uma vida confortável,

*mas não queria mais que meus pais pagassem faculdade para mim, sendo maior de idade, logo, desde cedo comecei a trabalhar para ter meu próprio dinheiro. **Infelizmente, o trabalho em loja tem uma carga horária totalmente extensa e eu não conseguia dispensa para o horário noturno todos os dias. Só não trabalhava até às 22hs três vezes na semana. Logo, não conseguia ir às matérias (duas matérias) que tinham no noturno nas terças e quintas. Não consegui nenhum acordo com a Universidade, logo tive que abandonar o curso.** Hoje em dia eu faço faculdade EAD pela Estácio no curso de administração, a fim de passar de vendedora para uma futura gerente ou trabalhar na área comercial, a qual eu tenho vontade.” –*

Entrevistado 4

*“Ingressei em Nutrição da UNIRIO no ano de 2013 e de lá até 2015 eu acabei pegando duas greves de quase três meses. **Infelizmente, devido a não atualização das ementas assim como a deficiência do corpo docente, eu acabei evadindo o curso e desistindo de cursar nutrição. Mas tarde fiz novamente um cursinho de vestibular e acabei passando para Biologia na UFRJ. Sempre fui da área biológica e resolvi arriscar.** Hoje em dia, além da faculdade, faço cursos de pericia microbiológica forense. Realmente me encontrei, porém também não acho que a UFRJ, apesar de ter mais recursos e ementas mais atualizadas, seja um exemplo de faculdade. Porém, dentro da UFRJ eu consegui ter mais assistência para trabalhar em pesquisa.” –*

Entrevistado 5

*“Quem conhece o IB sabe do que eu estou falando. Meu sonho sempre foi fazer medicina, desde criança. Quando eu passei, no meu primeiro vestibular, em medicina foi uma completa alegria. Fiquei quatro anos na UNIRIO. **O quadro de deficiência estrutural era bizarro. Desde professores qualificados que não tinham tempo, ou faltavam ou não tinham didática, até a localização física da faculdade que a todo tempo parecia que ia cair na cabeça dos alunos. Além disso, tínhamos sempre problemas para o nosso aprendizado prático. Tínhamos que dividir sacos de ossos nas aulas de anatomia, e até prova foi desmarcada porque roubaram os ossos***

que seriam usados para a prova prática. Ou seja, aquilo lá era uma tremenda bagunça. No meu quarto ano, eu acabei conseguindo transferência para UFF. Era muito mais longe de casa, porém, apesar de também não ter uma estrutura maravilhosa, era muito melhor do que a UNIRIO.” – Entrevistado 6

“Cursei, durante três anos, administração na UFRJ. **O curso possui uma ementa de 1995 e nada foi feito para mudar. A cada período que se passava eu sentia que eu tinha menos apoio da faculdade e matérias totalmente desatualizadas, assim como o corpo docente. Ensinavam coisas que já não eram mais utilizadas no mercado de trabalho atual. Sentia-me obrigado a realizar cursos caros por fora, coisas básicas, com Excel, Power Point, entre outros. Não tinha locais para estudar, os banheiros sempre estavam com as portas depredadas e sem papel ou sabonete.** Depois de conversar com muitos profissionais da área que eu queria seguir – financeiro – eu, como tinha uma boa condição, transferei meu curso para FGV. Porém, até hoje eu fico me perguntando, e se eu não tivesse condições de estudar numa instituição de ensino superior privada? É assim que o atual governo que estabilizar a economia? Muitas pessoas não tem condições de entrar no mercado de trabalho devido a defasagem que estes cursos, não só o meu, apresentam.” - Entrevistado 7

“Sempre tive o sonho de estudar em uma instituição superior pública, visto que os diplomas destas faculdades são mais reconhecidos no mercado de trabalho. Na época do vestibular eu fiquei muito em dúvida sobre ingressar em ADM na UFRJ. **Eu passei para UFRJ (única pública que eu tinha pontos no Enem para passar) e passei para duas faculdades particulares, a UVA e a FGV. Eu fui conhecer pessoas na faculdade, antes mesmo de entrar, para saber melhor sobre a ementa e também conhecer as estruturas da faculdade. Eu me assustei totalmente. Eu cheguei a assistir às aulas inaugurais e, porém com duas semanas de aula, ao ir à FGV eu me encantei. A ementa da UFRJ era muito defasada. Não me via me formando como uma profissional pronta para o mercado.** Agradeço por todos os alunos que conversam comigo, que eram de períodos mais avançados, e que

me recomendaram a, se tiver investimento para realizar o curso na FGV, ir para lá com toda certeza.” – Entrevistado 8

“Entrei em Comunicação na UFRJ, pois sempre quis trabalhar na área de Marketing Digital, que está cada vez mais crescente na atualidade. Sempre procurei por ler muito sobre isso, antes mesmo de entrar na faculdade, pois eu não queria ter uma frustração posterior e ter que sair da faculdade para cursar outra coisa. Entrei em Comunicação já com minha vontade decidida: eu quero muito trabalhar com redes sociais. Sempre foi o meu sonho, e eu já tinha um canal no Youtube para maquiagem desde bem nova. **Quando entrei na faculdade me deparei com uma ementa totalmente desatualizada. Deixei rolar por um tempo. Quando fiz um ano e meio de faculdade tive uma professora que me orientou muito para a área que eu queria seguir. Ela me contou que a faculdade não tinha recursos para contratar professores que fossem experientes nesta nova área, logo, esta parte da publicidade não era muito citada na UFRJ. Tudo lá era voltado para outbound marketing. Algo que sim, é super necessário, mas não havia nada sobre as novas tendências do marketing online. Desta forma, mudei de curso. Fui para a UVA onde encontrei uma ementa mais parecida com o que eu queria aprender para entrar no mercado de trabalho.**” – Entrevistado 9

“**A infraestrutura da faculdade sempre me incomodou. A UFF era a minha terceira opção quando eu tentei entrar para a faculdade de engenharia de produção pelo ENEM. O Corpo docente não deixavam os alunos confortáveis para opinar sobre o que eles achavam que estava faltando na faculdade em quesito de corpo docente, conhecimento, didática, programações e ementas. Isso fazia com que a faculdade quisesse transformar nós em pesquisadores, quando eu sempre tive o sonho de trabalhar no meio empresarial. No quinto período eu fiz a transferência para a administração na UFRJ. Não consegui passar para engenharia de produção lá, mas pude me encontrar na área de mercado financeiro. O que me ajudou foi ter, na UFRJ, uma opção de empresa Jr. que me ensinou, de forma prática, muita das coisas que eu aprendia em sala de aula.**” – Entrevistado 10

*“Eu comecei a estudar microbiologia na UFRJ no ano de 2018, após terminar a minha graduação na UFRJ em biologia. Dentro do curso de biologia eu me apaixonei pela área de microbiologia, a qual é fiz algumas matérias e trabalhei em alguns projetos. Logo, quando eu terminei a faculdade eu quis começar a graduação em microbiologia. Para mim foi até mais fácil pois eu fiz o processo de integração em outra graduação pela própria UFRJ e já podia cortar algumas matérias que eu já tinha feito da graduação. Eu estava mais de 2 anos na frente dentro da ementa. **Infelizmente, como bióloga eu consegui uma vaga de docente em uma grande escola no Rio de Janeiro e não estava conseguindo conciliar trabalho com o meu sonho de continuar a faculdade. Acabei evadindo o curso pois eu precisava trabalhar, visto que já morava sozinha e estava para casar.**” – Entrevistado 11*

*“Meus pais são engenheiros civis, logo desde criança eu sofri muito influencia de trabalhar na área, pois eles já haviam construído todo um patrimônio ao redor da engenharia. Eles já possuíam uma empresa com o foco em engenharia civil, o que também seria um facilitador, caso eu viesse a me formar na mesma opção que eles tiveram no passado. **Eu sempre fui da área de humanas e era muito ruim em qualquer coisa que representasse matemática. Logo, quando eu tive a idade de fazer o vestibular eu fiz para engenharia civil, por imposição dos meus pais e pelo fato de eu ser muito novo.** Passei para UFF e cursei apenas o primeiro ano. Por conta das matérias que eu não me identificava em nada acabei evadindo a faculdade. Fiquei mais um ano fazendo curso e hoje em dia faço comunicação na UFRJ. Meus pais nunca aceitaram, mas hoje em dia trabalho e já não tenho tanta dependência deles.” – Entrevistado 12*

*“Eu sempre gostei da área de publicidade, logo, no meu primeiro vestibular eu passei para UFF em comunicação. Estava muito feliz por ter passado para uma faculdade pública logo no meu primeiro vestibular e fechei totalmente os olhos para as outras instituições particulares que eu tinha passado. **Infelizmente, com o passar dos anos comecei a notar que a estrutura da faculdade não dava para o aluno todo o aporte que ele***

precisava para ser um publicitário. Não existia computadores, não existia material atualizado, bibliotecas, aulas práticas. Nada. Nós, alunos, por várias vezes fizemos várias apelações ao corpo docente, mas eles fingiam que nem estavam se importando com nossos pedidos. Estes não eram exigências, mas eram nossos direitos como alunos. Enfim, acabei evadindo a IES e indo estudar em uma IES particular, a UVA.” – Entrevistado 13

“Comecei medicina na UFF no ano de 2015. Passei lá 2 anos. Visto que o corpo docente fazia uma má administração e repasse dos recursos, para nós alunos, nos formamos em bons médicos, transferi minha graduação para a Estácio. Infelizmente, eu realmente não sei como o diploma de uma universidade pública ainda conta como os melhores. Nós não temos apoio dos docentes, nós não temos recursos, não temos nada. A aprendizagem é totalmente reduzida ao que os professores conseguem apresentar com o pouco que temos. Os professores são excelentes, mas a falta de estrutura e recursos me fizeram procurar um faculdade particular.” – Entrevistado 14

“Iniciei meus estudos em engenharia de produção na UNIRIO. O curso era ministrado nas manhãs de segunda quarta e sexta, com disciplinas de 7h às 10h. Infelizmente, no emprego onde trabalho – que eu preciso ter para me sustentar, visto que eu moro muito longe (São João de Meriti) – precisa chegar no máximo até 9h, de acordo com o horário comercial. Não consegui continuar a graduação. Agora faço o mesmo curso, no horário noturno, na Estácio.” – Entrevistado 15

“Moro em Nilópolis. Então imaginem a viagem que eu fazia todos os dias para chegar até a faculdade. O sistema de transportes, além de ser péssimo, não incluem mais linhas diretas, logo eu tinha que pegar o trem e mais dois ônibus. A graduação era realizada em dois campus diferentes – no IB no centro da cidade do Rio de Janeiro e no bairro da Urca (que para mim era de muito difícil acesso). Logo, por semana eu gastava quase 200 reais em transporte e alimentação. Lembrando que dentro da universidade também

não havia bandeirão. Todos os alunos que possuíam rendas inferiores não estavam conseguindo conciliar a faculdade e terem seus sonhos realizados. As universidades públicas se tornaram elitistas.” – Entrevistado 16

“Durante minha vida acadêmica eu desenvolvi um quadro depressivo muito grande, devido as cargas acadêmicas cada vez mais pesadas – apesar de os docentes não serem didáticos – o que fazia que nós alunos nos tornassem mais autodidatas possíveis. Tentei procurar diversos estágios na área, mas infelizmente o campo de pesquisa no Brasil não é muito explorado. O conjunto destes fatores com fatores pessoais me fizeram desenvolver um quadro de depressão e síndrome do pânico bastante intensos. Não conseguia mais sair de casa. Tranquei a faculdade por 6 meses para poder fazer meu tratamento. Dentro deste, optei por fazer algo em que eu tivesse mais segurança. Apesar de gostar muito de biologia, eu hoje em dia faço direito na universidade Santa Úrsula, visto que o curso me apresenta um leque maior de oportunidades. Ainda me sinto muito pressionada, pois as faculdades não conseguem nos preparar para o mercado descentemente, mas com a terapia eu tenho tido uma grande melhora em relação aos problemas de saúde que eu tive.” – Entrevistado 17

“Comecei a estudar Contabilidade na UFRJ com uma grande esperança em um dia ingressar o mercado financeiro. A universidade não tinha nenhuma estrutura para que eu pudesse me formar um cidadão pronto para o mercado de trabalho. Começava a ver as deficiências quando eu tinha que retirar do meu próprio bolso para realizar cursos. A ementa de Contabilidade data de 2002. Sabe o quanto este curso e os profissionais desta área já evoluíram ao longo de 18 anos? Foi uma opção muito triste de se fazer, mas eu preferi sair da faculdade pública para ir para uma particular.” – Entrevistado 18

“Eu tive que morar durante quatro anos na Inglaterra, visto que meu pai foi fazer o seu doutorado em Londres. Fiz o meu ensino médio (High School) lá. Sempre fui uma pessoa que gostou muito de ler e que sempre foi muito ligada a artes, exposições. Logo, quando eu voltei para o Brasil eu já tinha

uma certeza: vou realizar o curso de biblioteconomia. Quando comecei o curso eu me encantei. Realmente eu sempre tive professores muito bons, porém, o mercado de trabalho aqui no Brasil é praticamente nulo. Não há uma preocupação governamental com a preservação da nossa cultura, logo, preferi fazer a transferência para o curso dentro na mesma IES (UFRJ) para o curso de Administração.” – Entrevistado 19

“A ementa do curso foi o principal fator que fez com que eu me desmotivasse em continuar na UFF. Eu sempre quis fazer uma faculdade de comunicação que me formasse para o mercado de Jornal (Jornalista). Porém, dentro da ementa da faculdade havia 2 matérias apenas e eram muito desatualizadas, segundo o relato que eu tive de alunos que já tinham feito. Tentei mais um ano pelo ENEM e passei para comunicação da UFRJ, onde o foco é Jornalismo.” – Entrevistado 20

“A ementa do curso de direito na UFRJ deixa muito a desejar. Eu tive professores incríveis, com ótima didática, mas a falta de atualização e de aulas práticas me fez mudar de uma faculdade pública para uma faculdade particular – A IBMEC.” – Entrevistado 21

“Entrei para Administração para uma das faculdades que eram reconhecidas pelo MEC como uma das melhores universidades do Brasil. Vim de Goiás para o Rio de Janeiro com essa felicidade no coração: nossa consegui passar para uma das melhores faculdades do país e ainda por cima é pública. O sentimento de um aluno quando passa para uma faculdade pública é único. Cheguei ao RJ e comecei a cursar Administração na UFRJ. Logo nos primeiros períodos eu estranhei, quando eu conheci a ementa e vi que era ela muito desatualizada – do ano de 1995. Entrei para empresa júnior, o que me manteve na IES por mais tempo. Lá eu aprendia na prática tudo o que eu não podia aprender nas aulas. O corpo docente era bastante ruim. Conto nos dedos de uma mão os professores que eu tive bons na minha trajetória em 3 anos de UFRJ. Sai da empresa júnior com muita vontade de ingressar meus estudos com foco em Marketing. Mas cadê as matérias de Marketing? Tinha que fazer muitos cursos online e por fora. Só consegui o

meu primeiro estágio na área depois de muito esforço e dinheiro gasto por fora. No meu terceiro ano eu resolvi encerrar minha graduação na UFRJ e fui para ESPM. A comparação de estrutura física e de docência não tem como comparar. Hoje me sinto totalmente preparada para ingressar no mercado de forma mais qualificada.” – Entrevistado 22

Como foi relatado anteriormente o critério que foi adotado para definir o tamanho da amostra foi o de exaustão, definido por Zanelli (2002). Quando os entrevistados começaram a dar relatos iguais, ou seja, quando não havia mais a presença de diferenças entre os discursos, as respostas buscadas já possuem relativa evidência, configurando o critério de exaustão.

Como pode ser analisado, a partir das entrevistas, os fatores internos as IES são os que mais influem na evasão do aluno no ensino superior. Em primeiro lugar aparece, em destaque, a questão das estruturas físicas e do corpo docente das IES serem totalmente defasados. Em seguida, o segundo maior fator é o problema das ementas serem totalmente desatualizadas com o que o aluno precisa aprender para está qualificado para o mercado de trabalho, logo, este acaba tendo uma perspectiva, de encontrar um bom trabalho, afetada. Alguns fatores externos também são apontados, como mudança de logradouro, problemas financeiros, dificuldade de conciliar a faculdade com o trabalho e a imposição familiar. Todos estes fatores podem ser corroborados a partir da literatura que foi apresentado no referencial teórico.

Cravo (2012) através do seu estudo sobre o tema relatou que os fatores mais frequentes que levavam os alunos a evadirem as instituições de ensino superior eram a dificuldade de conciliação do trabalho com a IES, insatisfação com o curso escolhido, doença grave ou morte, casamentos e filhos e transferência de endereço. Como visto, acima, o relato do estudo da autora corrobora com os resultados apresentados. Existem pessoas que têm dificuldades em conciliar a universidade com o trabalho, visto que, em muitos casos estes precisam trabalhar para que possam sustentar suas famílias ou até mesmo os gastos escolares. Nos relatos que foram atribuídos a este fator foram de pessoas que moravam longe e precisam do trabalho para se manter e

pessoas que não conseguiam acompanhar a faculdade pois tinham que trabalhar – pois moravam sozinhas e iriam se casar.

Em relação à insatisfação com o curso escolhido a porcentagem é a maior encontrada. A maioria dos alunos acabou evadindo os seus cursos devido a problemas internos à faculdade. Eles entravam com a vontade de realizar o curso escolhido, mas devido às instalações físicas da universidade, o corpo docente defasado, o repasse e a má administração da IES e as ementas atrasadas, muitos optaram em seguir sua trajetória no ensino superior em universidades particulares.

A saúde mental, como doenças psiquiátricas, está começando a aparecer como um dos fatores que acabam por impedir que os alunos terminem o curso superior ou pela pausa recorrente destes, durante os períodos eletivos, acabando por influenciar no tempo de formação ou até mesmo na total evasão do aluno.

Segundo Silveira e Norton *et al.* (2011) é normal que alguns sintomas, na maioria das doenças psiquiátricas, venham a aparecer no final na adolescência e no início da vida adulta, culminando com o momento em que este passa por várias transformações e tomadas de decisão que podem ser consideradas para a vida inteira. Para os autores os estudantes se encontram em um período de vulnerabilidade, visto que estão expostos a muitas situações de estresse, ansiedade, que podem levar a quadros depressivos ou a doenças psicológicas graves. Nesta faixa etária, estes estão expostos, pela primeira vez a muitas perturbações mentais de estágio de gravidade alto.

Para Silveira e Norton *et al.* (2011) é necessário que se haja o tratamento mais precoce possível, pois muitas pessoas estão sendo abatidas por um quadro de saúde mental desgastado. O tratamento constitui em uma importante área de investimento nos jovens, a nível educacional, social, econômico e, principalmente, em relação à qualidade de vida desta população. A IES deveria ter, como setores prioritários, a presença de psicólogos, recursos humanos, orientação vocacional e grupos de ajuda.

Cravo (2012) em outra colocação em seu estudo corrobora o resultado acima quando se trata da dificuldade dos alunos se manterem na faculdade quando já possuem um emprego. A autora relata que muitos alunos relataram que precisam dividir o seu tempo entre faculdade e trabalho, visto que precisam sustentar a si ou suas famílias ou precisam aprender na prática o que se é aprendido na universidade. Além dos problemas financeiros que são apontados como fatores para evasão, os alunos não conseguem identificar, como visto nos relatos acima, ementas que os qualifiquem para o mercado de trabalho. Logo, estes, desde os primeiros períodos procuram por estágios, a fim de colocar em prática o que estão aprendendo. Alguns relataram que as ementas estavam muito defasadas, fazendo com que estes tivessem que ter investimento em cursos privados, entrarem em empresas júnior, ou até mesmo procurar emprego.

Moraes e Theóphilo (2008) afirma a questão dos problemas financeiros quando relata em seu estudo que existem alunos de universidades públicas e cursos técnicos que moram distantes das IES, logo não possuem recursos financeiros para se manter dentro do ensino superior. Existem alunos que precisam morar mais próximo as IES e encontram alugueis exorbitantes. Existem alunos que moram com os pais, ou com seus cuidadores, e precisam vir todos os dias para as universidades ou cursos técnicos. Logo, estes não possuem dinheiro para passagens, alimentação e material de estudo. Estes fatores são considerados pelos autores, como os que levam as maiores evasões universitários e ao baixo rendimento dos alunos.

A nível governamental, Moraes e Theóphilo (2008), afirmam que não há o repasse dos recursos oferecidos aos estudantes pelo estado, buscando que estes alcancem os objetivos educacionais pretendidos. Para os autores, como foi relatado no referencial teórico, as IES não estão sendo capazes de motivar os alunos e entender seus problemas recorrentes para poder ajuda-los e retê-los. Dentro das universidades e cursos técnicos podem existir professores com currículos extensos e de qualificação, porém, devido as mudanças

relacionadas à tecnologia e a aprendizagem, deveria ser investido, dentro das IES, em metodologias e didáticas diferentes. Existe a falta de recursos, de didática, de apoio aos alunos e ementas totalmente desatualizadas, fazendo com que os alunos venham a se formar com dificuldade para a entrada do mercado de trabalho ou acabem evadindo sua IES.

Biazus (2005) que são os fatores internos as IES que possuem o maior peso dentro da decisão dos alunos em continuarem no curso escolhido dentro da sua IES – ou acabarem por evadi-la totalmente. Segundo o autor, as causas internas são referentes à má administração, repasse de recursos do governo as instituições de ensino superior e corrupção dentre os administradores. Outra questão que é abordada pelo autor é a infraestrutura que é oferecida para os alunos. Dentro das universidades e cursos técnicos não existem alguns recursos básicos como lugares de alimentação, salas de estudo, biblioteca, computadores, internet, banheiros, entre outros. Existem universidades no Estado do Rio de Janeiro que já atingiram graus de calamidade pública e tiveram que parar seus períodos letivos pela falta de recursos dados para a limpeza da mesma. Dentro deste cenário é possível notar que não adianta ter os melhores professores, com as melhores didáticas. É necessário que os alunos tenham qualidade de vida dentro da IES.

Para Biazus (2005) os docentes precisam ainda estar atualizados sobre o que os alunos precisam para entrar no mercado qualificados. Logo, é necessário que os professores estejam sempre atualizados em relação às ementas de suas disciplinas, didáticas melhores, metodologias diferenciadas, avaliação de competências, estudos de caso e aplicação do ensinado em questões abordadas dentro do mercado, como a ilustração e apresentação de cases e projetos. Para o autor, as formas de avaliação são extremamente desqualificadas, levando os discentes apenas a decorarem e não aprenderem de fato a se posicionarem dentro do trabalho, para futuramente serem grandes profissionais.

Após a descrição dos fatores cruciais que levaram os entrevistados a evadir sua IES – curso escolhido ou evasão total – agora será apresentada a categorização destes fatores a partir das diferentes, mas complementares, descrições de categorias que foram apresentadas no referencial teórico.

Ao comparar os dados obtidos através das entrevistas, podemos organizar os indivíduos que evadiram as suas instituições de ensino em cinco categorias, segundo o estudo de Schargel e Smink (2002): (a) fatores psicológicos; (b) fatores sociológicos; (c) fatores organizacionais; (d) fatores interacionais e (e) fatores econômicos. Como foi apresentado, anteriormente, na Tabela 1, estes são os fatores são distribuídos das seguintes forma:

Tabela 1: Categorias de Causas da Evasão

Categorias	Qualificação das Causas	Exemplos
Psicológicas	Comportamento do indivíduo	Reprovações sucessivas, falta de referencial familiar, doenças psicológicas, imaturidade e rebeldia.
Sociológicas	Influências do meio social	Falta de orientação vocacional, deficiência da educação básica, imposição familiar, casamentos e filhos.
Organizacionais	Influências da instituição sobre indivíduo	Desconhecimento da metodologia do curso, concorrência com outras IES e estrutura do corpo docente.
Interacionais	Interação com colegiado e estudantes	Ausência de laços afetivos com a IES, mudança de endereço, exclusão social ou bullying.
Econômicas	Relação econômico-financeira	Busca da herança profissional, falta de perspectiva profissional, horário de trabalho incompatível, desemprego e problemas financeiros.

Fonte: Adaptado de Schargel e Smink (2002)

Para Adachi (2019) é necessário que se conheça a expectativa que o aluno possui em relação a sua educação pessoal, envolvendo fatores específicos apresentados pelas instituições educacionais superiores, fazendo que o mesmo possa se identificar com o curso e achar que a ementa apresentada pelo mesmo possui uma aderência com o mercado de trabalho. Além disso, existem, para a autora, outros fatores principais como a disposição financeira e de tempo que o aluno possui, sendo provável que o indivíduo se ajustasse melhor a uma instituição do que a outra. Estes tipos de disposições práticas, referidas acima, são como um compromisso que a instituição possui com seus alunos matriculados, ou seja, as integrações acadêmicas e sociais são muito importantes para a preservação e persistência do aluno na universidade.

Em relação às respostas citadas nas entrevistas, tivemos os seguintes fatores apontados:

- a) Mudança de Logradouro;
- b) IES sem Estrutura Física e de Docentes;
- c) Problemas Financeiros;
- d) Não Conciliação de Faculdade e Trabalho;
- e) Ementas Desatualizadas – Sem Perspectiva de Trabalho Qualificado;
- f) Imposição Familiar;
- g) Problemas de Saúde.

Schargel e Smink (2002), afirmam em seu estudo que a evasão dos alunos das universidades ou cursos técnicos superiores acarretam grandes problemas tanto no setor público como no privado. Em relação ao setor público vemos que existe a perda de recursos públicos e investimentos do governo, quando repassados de forma correta, em levar a educação para a população, gerando conseqüentemente o conhecimento por parte dos estudantes e a manutenção de um exercito de mão-de-obra qualificada para ocupar os lugares que estão sendo criados ou foram deixados por outros contribuintes que hoje já se aposentaram. Além da perda de investimentos, o retorno não é dado em

relação a recuperação da economia do país. Quando temos uma grande porcentagem de pessoas que não cursa o ensino superior e vemos o crescimento dos empregos informais subindo, sabemos que todo o investimento realizado não está gerando um bem-estar para a população e para o PIB do seu país.

No setor privado, Schargel e Smink (2002), diz que existe uma importante perda de receitas, assim como a oportunidade que as empresas têm que contratar profissionais cada vez mais qualificados, eliminando ou reduzindo a rotatividade e o retrabalho de novas contratações.

Em nível de entender melhor este fenômeno e criar alternativas para solucionar estas questões, Schargel e Smink (2002) partem de um pressuposto que se podem categorizar estes fatores, a fim de que cada grupo seja estudado e tomadas de ações possam ser realizadas a fim de reduzir este risco. Como visto abaixo, na Tabela 5, os fatores apresentados podem ser classificados nas seguintes proporções:

Tabela 5: Fatores em Categorias Segundo Schargel e Smink (2002)

Tipo do Fator	Fator
Psicológicos (comportamento do indivíduo)	Imposição Familiar; Problemas de Saúde; Não Conciliação de Faculdade e Trabalho.
Sociológicos (influências do meio social)	Mudança de Logradouro.
Organizacionais (influências da instituição sobre indivíduo)	IES sem Estrutura Física e de Docentes; Ementas Desatualizadas – Sem Perspectiva de Trabalho Qualificado.
Interacionais (interação com o colegiado e estudantes)	-
Econômicos (influências econômicas e financeiras)	Problemas Financeiros;

Fonte: Elaborado pelo Autor.

Analisando os resultados obtidos temos ao total de 22 entrevistados. Destes, oito apontam como motivo da evasão as IES sem estrutura física e de docentes. O segundo fator mais apontado para o abandono de uma instituição

de ensino superior – de um curso ou totalmente – foram as ementas desatualizadas, que levam os alunos a se sentirem sem perspectiva de trabalhos qualificados. Este segundo fator teve seis respostas.

Em terceiro lugar, com três respostas, temos os alunos que evadiram suas universidades e cursos técnicos, pois não conseguiam conciliar o trabalho com o estudo superior. Seguindo, em quarto e quinto lugar, respectivamente tivemos dois alunos apontando como problema financeiro o seu motivo de evasão. Dividindo o quarto lugar, teve um entrevistado que foi motivado pela imposição familiar, outro por problemas de saúde e, por fim, um motivado por mudança de logradouro.

Desta forma, pode ser registrado que, neste estudo, que os fatores organizacionais, ou seja, influências da instituição sobre indivíduo são apontadas como os principais motivadores da evasão dos alunos nas instituições de ensino superior ou cursos técnicos.

Schargel e Smink (2002), em seu estudo, afirmam que no geral, sejam instituições de ensino públicas ou particulares, as principais razões para que os alunos saiam de suas IES sempre foram problemas externos vinculados à falta de recursos financeiros. Porém, este é o ponto de vista da universidade ou curso superior quando confrontados. Os autores afirmam que as mesmas, não fazem nenhuma menção aos problemas estruturais e o nível docente atualizado e bem articulado dentro das instituições de ensino superior públicas. Todas as motivações apresentadas pelas universidades e cursos técnicos sempre partem do ponto de vista que apenas fatores externos são considerados nesta escolha, ou que estes pesem mais em uma decisão de evasão de uma IES.

O fator que teve a maior aderência como o principal motivo para as evasões dos alunos das instituições de ensino superior foram à falta de estrutura física – das IES – de seu corpo docente. Logo seguimos falando

sobre as obrigatoriedades que as universidades precisam alcançar para que haja uma excelência em relação às expectativas dos discentes.

Fárvero e Sguissardi (2012), afirmam que as instituições de ensino superior possuem a função de levar o aluno a entrar em um grande centro onde haja a capacidade de aprender, ou seja, ter conhecimentos multidisciplinares e de produção para as áreas humanas, tecnológicas, culturais e científicas. Essa disseminação deve ser realizada através do ensino, da extensão e da difusão por todos os meios possíveis, sejam eles científicos ou não. Não existe uma visão única do seja a real finalidade de uma universidade na vida de um indivíduo e na formação econômica de um país. O debate do real valor significativo das instituições de ensino superior adquire forma através da atuação da Associação Brasileira de Educação (ABE) e da Academia Brasileira de Ciências (ABC). Entre algumas destas questões debatidas, são destacados a concepção e funções da universidade, autonomia universitária e a questão relativa ao modelo de universidade a ser adotado no Brasil.

Fárvero e Sguissardi (2012) discute que deveria ter um padrão estabelecido único e a universidade deve ser organizada, de acordo com as condições externas da região onde ela fosse se localizar. Outro desdobramento, colocado pelos autores, é que esta iria receber essa nomeação para que esta se tornasse um núcleo de cultura, disseminação de ciências adquiridas e novas que iriam se desenvolver.

Segundo Maciel (2011) a educação, dentro do contexto atual de uma ideologia voltada para o neoliberalismo, faz com que as universidades possuam um viés apoiado pela economia, para que haja principalmente – e às vezes unicamente - a formação de um exército de capital humano, deixando de lado toda transição cultural e de valores que é repassada por uma instituição de ensino, não se preocupando para a formação também de um capital social.

Segue-se um modelo o qual a economia prevê que sejam formados apenas sujeitos que sejam produtivos para o mercado, constituídos por competências que são apenas necessárias para empregabilidade. Porém, sequer há um aprofundamento sobre os fundamentos sociais dessa educação,

ou seja, em vista da parte governamental é questionada, se para os governantes a educação é, também, de suma importância para a construção valores que sejam necessários para a integração do indivíduo como cidadão.

Como apontado no resultado acima, o maior fator que os entrevistados relatam como a prevalência para sua decisão de evasão do ensino superior – seja parcial ou total - é a falta de estrutura física e de docentes que atendam suas expectativas dentro das respectivas IES escolhidas. Desta forma, corroborando para o resultado, vemos que as instituições de ensino superiores brasileiras estão em um estado de sucateamento, não conseguindo fazer com que os estudantes consigam ter uma formação para o mercado de trabalho e para agir, dentro da sociedade e do local onde vivem e interagem, como cidadãos.

Para Assis e Sanabio *et. al* (2013) deste o início desta última crise político-econômica, que é uma das mais graves que o Brasil já passa segundo as autoras, as universidades públicas vem recebendo menos investimentos e sofrendo com as políticas de contingenciamento, que afeta a todos sem distinção. Docentes, discentes, empresas terceirizadas, técnicos administrativos e qualquer outro grupo que presta serviço dentro das instituições públicas, e pra sociedade em geral – visto que a educação é gerador de capital social também – estão sendo muito afetadas. Projetos de extensão que antes eram atendidos e realizados dentro das faculdades estão perdendo verbas, sendo muito deles abandonados. Os hospitais universitários não possuem mais recursos para que os futuros médicos em formação possam prestar seus serviços e aprenderem, com qualidade, como estarem preparados para atender a população.

Segundo Sguissardi (2006) o filósofo José Arthur Giannotti, presidente da CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) deixou publicamente apontada suas críticas à política do governo federal para o ensino superior. O autor corrobora o filósofo Giannotti afirma, quando em seu estudo relata que há, no país, um grande processo de sucateamento das universidades, não referente apenas aos salários, mas também em relação à manutenção da infraestrutura que é encontrada dentro das universidades federais brasileiras. Além dos cortes em relação aos salários dos docentes,

técnicos administrativos entre outros prestadores de serviço as faculdades públicas, Sguissardi (2006) afirma que o ensino público está sofrendo com o estrangulamento do sistema financeiro à pesquisa e a perda de docentes em função das aposentadorias precoces.

Em segundo lugar aparece, como o principal fator, a decadência da qualidade do ensino superior público devido às ementas desatualizadas, levando os universitários a desacreditarem que possam, ao final da conclusão do curso, estarem preparados de fato para entrar em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Segundo Mourão e Martins *et. al* (2007), no contexto brasileiro, foram realizadas ao longo dos anos algumas mudanças dentro da base curricular das instituições formadoras superiores, principalmente a partir da década de 90. Estas mudanças deviam-se as pressões internas e externas das IES e também devido à promulgação da Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional (Lei n. 9.394/96). Dentro desta perspectiva houve uma discussão sobre o que seria certo para a formação de um profissional a partir de um processo que apontasse uma reflexão de cunho humanista, crítico, reflexivo e orientado para princípios éticos.

Segundo os autores, Mourão e Martins *et. al* (2007), essas mudanças possuem, na maioria das vezes, um papel muito conservador já instituído nas IES há anos, ou seja, para que haja uma modificação nas ementas em relação a atualização de competências e habilidades, em relação a uma formação, há uma dificuldade de comunicação não somente a nível administrativo docente, mas governamental.

De acordo Hendrix e Walter (2018) as disciplinas que são disponibilizadas para que os discentes cursem nas instituições de ensino superiores tem valor para interferir, de forma positiva, na forma como estes se percebem e se identificam como profissionais de certa classe, e em certa medida, como as instituições de ensino superior e cursos técnicos deveriam preparar para que os estudantes sejam cada vez orientados e habilitados para entrar de forma qualificada em um mercado de trabalho. As instituições de ensino superior, além de formar profissionais prontos para o mercado de

trabalho, devem, por obrigatoriedade, preparar seus alunos para que sejam futuros colaboradores nas áreas de pesquisa de suas respectivas formações.

De acordo com as respostas dos entrevistados, seis destes evadiram suas instituições de ensino superior, pois não acreditavam que as ementas estavam de acordo com os pilares e competências que os preparariam para o mercado de trabalho.

Hendrix e Walter (2018) corroboram esta necessidade dos discentes, que se dizem prejudicados, quando tratam que são percebidas por meio das IES que não há uma atualização nos conceitos ligados as competências e habilidades que os estudantes precisam desenvolver para aplicar em diferentes níveis de interação culturais, interacionais, profissionais e sociais em suas vidas. Segundo os autores, são estas que irão guiar as pessoas ao seu desenvolvimento. Logo, para que isso aconteça é necessário que se estas competências se expressem por meio de experiências que os alunos possuem dentro da sua vida escolar nas IES, de acordo com a vida que cada profissional possui, produzindo um saber fazer consciente. Este saber consciente não se aplica apenas a trabalho, mas sim a sua vida pessoal.

Para Santos e Paraíso (1996), ao falar sobre a flexibilização curricular é avaliar, primeiramente, todas as características ligadas a valores e competências que norteiam a formação de uma pessoa, tanto na área profissional quanto pessoal. Partindo do princípio que a extensão universitária é indissociável do ensino e da pesquisa, é importante refletir sobre o lugar que a extensão tem tido no percurso acadêmico dos alunos de graduação, uma vez que a creditação das experiências educativas em extensão revela uma IES que dialoga com seu entorno e valoriza isso na vida acadêmica de seus alunos.

O termo currículo, inicialmente, significava um arranjo sistemático de matérias, ou um elenco de disciplinas e de conteúdos, sendo, posteriormente, entendido como o conjunto de estratégias para preparar o jovem para a vida adulta. Além dessas definições, o currículo também foi considerado como um conjunto de experiências ou atividades desenvolvidas na escola e os meios para atingir os

objetivos dessa instituição. Nessas perspectivas, o currículo envolve a definição de objetivos e a seleção, organização e avaliação dos conteúdos escolares. Na atualidade, o currículo é entendido como instrumento que abarca os valores, pensamentos e perspectivas da sociedade, assim como constitui identidades e subjetividades.

(SANTOS; PARAÍSO, 1996, p. 82).

Moreira (2005) afirma que não são realizados muitos estudos em relação à importância das influências que uma ementa curricular possui e a importância de suas atualizações ao passar dos anos. O autor afirma que entre estas ementas, de diferentes cursos e IES pelo Brasil, há uma grande defasagem, visto que é necessário que haja mudanças efetivas de acordo com as mudanças rápidas conceituais e de competências que transforma a vida que vivemos dentro do pessoal e no trabalho. Logo, é necessário, segundo o autor que, a partir do momento que temos mudanças nos fluxos econômicos, político, culturais e simbólicos é obrigatório rever se o efeito da base curricular ainda se enquadra na necessidade sentida pelos discentes.

Se considera que seria conveniente que a pesquisa e a extensão, indissociáveis da docência, interrogassem o que se encontra fora do ângulo imediato de visão. Ou seja, o conhecimento produzido e ensinado nas universidades deve ser útil para as demandas sociais.

(MOREIRA, 2005, p. 10).

Em terceiro lugar, com três respostas, temos os alunos que evadiram suas universidades e cursos técnicos, pois não conseguiam conciliar o trabalho com o estudo superior.

Durham (1998) enfatiza que pode ter sido surpreendente, mas a universidade pública com o passar das décadas, culminando com a atual, passou a perder o prestígio que tinha anteriormente. A autora afirma que alguns dos fatores que podem ter ajudado a culminar neste cenário é o fato de que as faculdades públicas estão valorizando com maior ênfase apenas a pesquisa, ou seja, formar profissionais para ingressar nas áreas de pesquisa referente em suas áreas, restringindo o número de vagas e resistindo à abertura de cursos noturnos, desta forma, muitas pessoas não conseguem conciliar estágio e trabalho, provocando uma insatisfação nos discentes, que preferem a procura por cursos no ensino superior privado.

Além disso, a autora reitera que dentro da imprensa, existem críticas as faculdades públicas estarem cada vez mais elitistas, ou seja, as universidades públicas gratuitas estão cada mais exigentes aos padrões de acesso, ou seja, apenas pessoas com nível de ensino médio qualificado estão, em sua grande maioria, entrando para as instituições de ensino pública. Isso ocorre, porque, segundo autora não existe investimentos em setores de base da educação, criando assim a imagem de que as universidades públicas utilizavam recursos públicos para financiar os estudos de uma minoria de privilegiados.

Seguindo, em quarto e quinto lugar, respectivamente tivemos dois alunos apontando como problema financeiro o seu motivo de evasão. Dividindo o quarto lugar, teve um entrevistado que foi motivado pela imposição familiar, outro por problemas de saúde e, por fim, um motivado por mudança de logradouro.

Silva e Filho *et al.* (2007) indica de forma geral que as principais causas da evasão estão relacionadas com questões econômicas e financeiras. Em seu estudo, os autores, completam afirmando que no Brasil, dificilmente, nas IES existem algum tipo de programa institucional que seja utilizado para combater a evasão do aluno, com o planejamento de ações que tragam resultados efetivos para os principais problemas apresentados pelos estudantes.

Silva e Filho *et al.* (2007) afirmam que a utilização de um programa institucional profissionalizado poderia reduzir estes números, visto que a universidade entenderia o porquê os alunos evadirem, criariam ações e acompanhamento de resultados e a coleta de experiências bem sucedidas destes, que estimularia outros, que pensam na evasão como solução, na permanência no ensino superior.

Por fim, foi analisado, entre os entrevistados se dentro da instituição de ensino pública, no Rio de Janeiro, que eles estudaram possui um programa institucional profissionalizado que poderiam reduzir os números de evasão. As universidades que foram analisadas, segundo a pesquisa foram: UNIRIO, UERJ, UFRJ e UFF. Foi questionado aos entrevistados se eles sabiam que na IES que eles estudaram havia algum plano de ação, desenvolvido pelo corpo

docente, para pessoas que estavam com dificuldades em se manterem no segundo grau.

Em algumas instituições de ensino superior pública existem políticas de ações para os problemas dos alunos possam ser identificados e solucionados, como previsto pela docência da IES. Como as universidades analisadas foram as federais e estaduais do Rio de Janeiro – UFF, UFRJ, UERJ e UNIRIO – os depoimentos dados abaixo seguem, das duas universidades que apresentaram que apresentaram esta medida: UFRJ e UFF.

*“Eu infelizmente tive que me mudar de novo para SP, porque para mim eu teria uma vida muito mais em conta. **Porém, tenho dois amigos, da mesma cidade que eu, que continuaram em cursos na UFRJ e dizem que a universidade possui uma estrutura de plano de ação para pessoas que possuem baixa renda e que não estão conseguindo acompanhar o curso no tempo estabelecido.**”* – Entrevistado 1

*“Olha, na UNIRIO eu nunca ouvi falar que tinha nenhum plano de ação para os alunos não. Porém, mesmo se tivesse como meu motivo de saída foi estrutural, eu não estaria dentro do público deste plano. Eu acredito que as universidades podem e devem criar planos de ação, principalmente para pessoas que possuem problemas de renda e doenças mentais, que estão muito em pauta hoje em dia, devido à pressão e a demanda das vidas sociais e profissionais das pessoas. **Na UFF, onde estudo atualmente, existe este plano para alunos que não possuem uma renda boa para se manter na faculdade. Acho que isso poderia ser expandido para outros casos.**”* – Entrevistado 6

“Eu estudei ADM na UFRJ. Realmente na universidade tinha um plano de ação para se manter na faculdade, mas era apenas destinado para pessoas de baixa renda. Sempre foi muito difícil conseguir entrar em contato efetivo com a docência e a administração da faculdade (acredito que isso aconteça em todas faculdades públicas) em relação a mudanças da ementa. Eu sai da faculdade porque achava que a ementa do curso era extremamente defasada e que eu não estaria preparada para o mercado de

trabalho, cada vez mais competitivo. No momento, não tinha nenhum plano de ação para o meu caso. Mas se tivesse acesso aos discentes poderem apontar os problemas para a faculdade e eles solucionassem, como o caso das ementas desatualizadas, eu teria continuado na universidade.” –

Entrevistado 7

“Eu não continuei o meu curso na UFRJ porque eu nunca soube que existiam planos de ação para o meu problema, que foi de ementa defasada e estruturas decadentes. Mas, pelo que eu sei, existem assistências para pessoas que possuem baixa renda e para alunos que já estão há muito tempo na faculdade e não conseguem concluir o curso, por exemplo, por ter que trabalhar ou fazer algum estágio ao mesmo tempo.” –

Entrevistado 8

Assis e Sanabio *et. al* (2013) dizem que é essencial que seja discutido políticas de assistência estudantil praticada por instituições de ensino superior pública, para que possa ser compreendido, por completo, quais são os reais motivos que os alunos desistem de cursar o segundo grau e, principalmente, qual é a opinião dos discentes que estão cursando o ensino superior na IES referida. A partir desta análise, os autores dizem que é possível compreender a realidade que os alunos passam no ensino superior.

Para Assis e Sanabio *et. al* (2013) existem mudanças dentro do cenário das políticas públicas que devem ser atendidos com o passar dos anos. Os autores afirmam que a expansão do ensino superior fez com que as universidades aumentassem o número de vagas para novos alunos, porém, as universidades acabavam por não conseguir reter estes devido à falta de estrutura, professores, salas, entre outros. Além disso, outro fator como a inclusão social e democratização do acesso começou a ser discutida, logo a IES também teria que ter como objetivo tornar o ensino superior acessível a uma maior parcela da população, contribuindo para que alunos com condições socioeconômicas desfavoráveis e distintas trajetórias educacionais fossem incorporadas a este nível de ensino. Uma efetiva democratização do ensino superior requer políticas abrangentes de ampliação do acesso e fortalecimento

do ensino público, a partir da ampliação dos quadros docentes e de técnicos, infraestrutura, novas tecnologias pedagógicas, planejamento e gestão, entre outros.

Requer, também, a consolidação de programas efetivos voltados para permanência dos alunos no sistema universitário de ensino, principalmente, aqueles que são provenientes de camadas socioeconômicas mais baixas/desprivilegiadas. A Política de Assistência Estudantil revelou-se, ao longo do tempo, como uma maneira de garantir tal permanência no ensino superior. (ASSIS E SANABIO, *et. al*, 2013).

Segundo os entrevistados, as universidades UFRJ e UFF possuem um plano de ação para ajudar estudantes que possuem baixa renda e que já estão há muito tempo na faculdade, mas não conseguem finalizá-la devido a um problema externo a faculdade. Os discentes, nas entrevistas, afirmaram que não existe nenhum plano de ação para que problemas internos as IES sejam solucionados, como problemas estruturais e de ementas defasadas.

Quando questionados sobre, se continuariam o seu curso na IES escolhida, se tivesse um plano de ação estabelecido, 16 dos entrevistados assumiram que continuariam com sua decisão em evadir. Como visto nos relatos, acima, a maioria das pessoas evadiram suas instituições de ensino superior pública devido a problemas internos, ou seja, deficiência nas estruturas físicas da faculdade, deficiência de didática do corpo docente e ementas defasadas.

Alguns dos alunos, das faculdades UFRJ e UFF, relatam que conhecem sobre os programas que auxiliam os discentes que possuem baixa renda e que já estão na faculdade por mais tempo que estabelecido na ementa para cursar, tentando entender o porquê do prolongamento do discente no curso escolhido. Porém, os entrevistados garantem que existe uma grande dificuldade de acesso ao corpo docente para que seja debatido sobre assuntos referente das deficiências internas das universidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como o objetivo geral descrever quais são os principais fatores que levam os estudantes, no ensino superior público, a evadir as instituições de ensino escolhidas para se cursar. Além disso, buscou analisar e classificar estes fatores como econômicos, interacionais, psicológicas, organizacionais e sociológicas, no nível de entender de onde parte as maiores influências que fazem um discente abandonar um curso ou até mesmo abandonar, completamente, a instituição de ensino superior que foi escolhida para se estudar. Após esta categorização, foi questionado aos alunos se eles já tinham ouvido falar sobre programas institucionais dentro das IES que poderiam ajudar a reduzir o número de evasões por semestre.

Com o intuito de contextualizar e fundamentar o estudo, foi realizada, inicialmente, uma revisão bibliográfica sobre os principais aspectos relacionados ao tema.

Ao longo das entrevistas, percebeu-se que os discentes possuíam motivações muito semelhantes e que, estas, estavam principalmente focadas nos problemas internos que as instituições de ensino apresentam. Os maiores fatores apontados por estes foram: estruturas físicas devassadas, a não abertura entre docentes e discentes para que melhorias sobre a didática e a forma de avaliação das disciplinas fossem mais assertiva e boa para o entendimento e a preparação do aluno para o mercado de trabalho, ementas totalmente desatualizadas, pouco auxílio para pessoas que possuem problemas financeiros em continuar seus estudos ao longo dos períodos e a falta de auxílio de psicólogos e de recursos humanos para poder ajudar discentes que acabam desenvolvendo doenças relacionadas ao estresse, ansiedade, entre outros.

Foram analisadas também se as IES apresentavam planos de ação para que fossem entendidos e analisados os problemas que os alunos enfrentam para sua formação, a fim de ajuda-los a concluir o ensino superior e diminuir a porcentagem de evasão dentro das instituições de ensino superior. Algumas instituições como a UFF e a UFRJ possuem planos de ação para alunos que

possuem baixa renda e que já estão na universidade há muitos anos, não tendo se formado dentro da expectativa que varia entre 5 e 6 anos de curso. Porém, quando indagados sobre outros aspectos e fatores, os alunos informaram que era muito complicada a interação dos discentes com o corpo docente, fazendo com que didáticas e ementas continuassem muito defasadas. Muitos alunos tiveram estes problemas e acabaram mudando para faculdades particulares, onde encontraram ementas mais atualizadas e estruturas físicas mais cuidadas.

Outro fator que foi bastante enfatizado pelos entrevistados foram que, muitos destes, não conheciam que dentro das suas IES existiam programas assistenciais para ajudar os alunos que possuem baixa renda e que estão há anos na faculdade sem se formar. Muitos alunos relatam que teriam evadido seus cursos e a própria instituição de ensino, pois não haviam planos de ações voltados para os seus problemas. Logo, é necessário que as IES entendam quais são os principais fatores que causam a evasão para que planos assistencialistas cheguem as pessoas de forma correta, e não para apenas uma pequena parcela de alunos.

Para pesquisas futuras, sugere-se a investigação completa de como cada fator apontado, e suas classificações, se interagem, a fim de planos de ação sejam formados com uma maior assertividade. Os alunos precisam ter voz dentro das instituições de ensino superior, visto que são eles que passam por todos estes problemas diários. Além disso, os docentes também precisam ter voz dentro das universidades e cursos técnicos, pois muitas vezes possuem a vontade de trabalhar e levar metodologias novas, mas são impedidos devido às várias burocracias encontradas dentro da administração das IES.

6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ADACHI, A. **Evasão e evadidos nos cursos de graduação da Universidade Federal de Minas**. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2019.

AULETE, F. J. **Dicionário Caldas Aulete da língua portuguesa: edição de bolso**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre: L&PM, 2008.

ASSIS, A. C. SANABIO, M. T. et. al. **As Políticas de assistência estudantil: experiências comparadas em universidades públicas brasileiras**. Revista GUAL, Florianópolis, v. 6, n. 4, p. 125-146, Edição Especial. 2013

BIAZUS, C. A. **Sistema de fatores que influenciam o aluno a evadir-se dos cursos de graduação na UFSM e na UFSC: um estudo no curso de ciências contábeis**. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção – Programa de pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

CRAVO, A. **Análise das causas da evasão escolar do curso técnico de informática em uma faculdade de tecnologia de Florianópolis**. Revista GUAL, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 238-250, ago. 2012.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Artmed, Porto Alegre. v, 2. ed. 248. 2007.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo, Cortez, 1998.

DURHAM, E. R. **As universidades públicas e a pesquisa no Brasil**. Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior e Centro Brasileiro de Análise e Planejamento apresentado na reunião da Academia Brasileira de Ciências e Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Jun. 1998.

FÁVERO, M. D. SGUISSARDI, V. **Quantidade e qualidade e educação superior.** Revista Educação em Questão, Natal, v. 42, n. 28, p. 61-88, jan./abr. 2012.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HENDRIX, L. R; WALTER, M. T. M. T. **Percepções dos alunos do curso de biblioteconomia da Universidade de Brasília sobre a grade curricular, as competências e o mercado de trabalho.** Londrina, v. 23, n. 3, p. 65 – 99, set./dez. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 2018.** Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

MACIEL, K. F. **O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular.** Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada.** In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina, 2003. p.11-25.

MEC. Diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação em instituições de ensino superior públicas. **Revista de Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior.** Campinas, v. 1, n. 2, p 55-65, dez. 1996.

MORAES, J; THEÓPHILO, C. R. **Evasão no ensino superior: estudo dos fatores causadores da evasão no curso de ciências contábeis da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.** 2008.

MOREIRA, A. F. **O processo curricular do ensino superior no contexto atual.** In: PASSOS, I. P. A.; NAVES, M. L. P (Org.). Currículo e avaliação na Educação Superior. Araraquara: Junqueira & Marin, 2005.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da Administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.

OIT. **Perspectivas Sociais e de Emprego no Mundo: Tendências 2018.** Brasil, 2018.

SANTOS, F. M; Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 6, n. 1, mai. 2012.

SANTOS, L. P.; PARAÍSO, M. A. **O currículo como campo de luta.** Presença Pedagógica, n. 7, 1996.

SCHARGEL, F. P; SMINK, J. **Estratégias para auxiliar o problema de evasão escolar.** Rio de Janeiro: Dunya, 2002.

SGUISSARDI, V. **Modelo de expansão da educação superior no Brasil: predomínio privado/mercantil e desafios para regulação e formação universitária.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 29, n. 105, p. 991-1022, set./dez. 2006.

SILVA, F. I. C. et al. **Evasão escolar no curso de educação física da Universidade Federal do Piauí.** Avaliação: Revista de Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior. Campinas, v. 17, n. 2, p. 391-404, jul. 2012.

SILVA FILHO, R. L. L. et al. **A evasão no ensino superior brasileiro.** Cadernos de pesquisa. São Paulo, v. 37, n. 132, p.641-659, set./dez. 2007.

SILVA FILHO, R.L.L.; MOTEJUNAS, P.R.; et al. **A evasão no ensino superior brasileiro**. Instituto Lobo para o Desenvolvimento da Educação, da Ciência e da Tecnologia. Mogi das Cruzes. São Paulo, v.37, n.132, p.641-659, set./dez. 2007.

SILVEIRA, C. et al. **Saúde mental em estudantes universitários**. Acta Med Port. 2011.

UNESCO. **Declaração mundial sobre a educação para todos**. Dakar, 2001.

VERGARA, S. Métodos de Pesquisa em Administração. **Editora Atlas S.A. São Paulo**, 2005.

ZANELLI, J. C. **Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas**. Estudos de Psicologia 2002, v.7 (Número Especial), p. 79-88. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.